



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

**A MIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL ENTRE ALIENAÇÃO DE TRABALHO E
INTEGRAÇÃO SÓCIO-CULTURAL: CASO DE CAÇADOR-SC 2015-2024**

FRITZNEL HONNEUR

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

**A MIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL ENTRE ALIENAÇÃO DE TRABALHO E
INTEGRAÇÃO SÓCIO-CULTURAL: CASO DE CAÇADOR-SC 2015-2024**

Fritznel Honneur

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. (Dr.) Waldemir Rosa
Coorientadora: Prof. (Dra.) Laura Janaina Dias Amato

Foz do Iguaçu
2024

FRITZNEL HONNEUR

**A MIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL ENTRE ALIENAÇÃO DE TRABALHO E
INTEGRAÇÃO SÓCIO-CULTURAL: CASO DE CAÇADOR-SC 2015-2024**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. (Dr.) Waldemir Rosa
UNILA

Coorientadora: Prof. (Dra.) Laura Janaina Dias Amato
UNILA

Prof. (Dr.) Jurandir de Souza
UNILA

Prof. (Dr.) Alisson Vinicius Silva Ferreira
UNILA

Foz do Iguaçu, 19 de outubro de 2024.

Dedico este trabalho aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço minha mãe Sevelie Lebrun e meu pai Wilfrid Honneur pelos seus sacrifícios para minha educação. E que sempre estão presentes na minha vida para me ensinar as boas condutas.

A meu professor orientador Waldemir Rosa não só pela constante orientação neste trabalho, mas como em outros trabalhos. Além de seus atenciosos acompanhamentos desde as primeiras disciplinas.

A minha Coorientadora professora Laura Janaina Dias Amato não só pela orientação determinada neste trabalho, mas por sua presença constante durante toda minha graduação como primeira docente da universidade que tive contato.

Aos professores da banca Dr. Jurandir de Souza e Dr. Alisson Ferreira pelas orientações para sua dedicação de compor a banca do TCC.

Aos professores e professoras do curso de antropologia, sem seus esforços minha formação não seria possível, a cada disciplina de vocês aprendi muitas coisas.

A Debora Andrade Santana por seus apoios psicológicos e seus conselhos durante esses últimos momentos da minha vida.

Aos meus irmãos Wilson e Odilaire e minha irmã Benita.

Meus tios e minhas tias

A Jose Celicourt por seu apoio durante minha passagem na Venezuela e Patrick Bodotte que me acolheu em Caçador- SC.

Aos meus irmãos de lutas: Frantz-Guy Celesting, Samuel Morancy, Marie Claudine Nozil, John Rock Gourder Jean, Jean-Bernard Louis-Jean, Luder Providance, Bachelard Noel, Sodwin Dormelus, Roland Belizaire, Mackenson, Beauvais, Paul Job, testemunhos de muitos momentos da minha vida.

Aos irmãos que eu encontro em Foz do Iguaçu: Jovens Dubery, Marcelin D. Volcy, Dady Simon, Normil Joseph, Jonhy Nelson, Madoché Jean-Jacques, Mickolove, Sadrack, Lutha, Eunide, Edris, Athena, Jonassaint, Jonhy Lamorthe e Peter Dumas. O encontro com vocês marcou minha vida.

Aos colegas de curso Maria Beatriz Barmaimon, Maria Clara, Janaina, Ximena, Veronica, Isaac, Diego, Jacqueline, Vanessa, cada bate papo com vocês me ajudou muito na minha aprendizagem.

As amigas: Ana Sofia, Vitória Moura, Renia, Lu Pachamama, Lurdiane e Walkenia por suas boas energias compartilhadas.

As crianças: Kemy, Marie e Esmeralda.

Ao meu amigo Claudivaldo Alves e sua família que me acolheram durante meu trabalho de campo.

A todos os haitianos e haitianas que me ajudaram nas informações durante meu trabalho de campo.

A todos os nomes que não estão na lista, eu amo vocês!

Ayibobo pou nou tout!

*(...) Eu direi isso no palco
Braços no ar.
Eu sou negro!
Meus olhos brilhantes,
Se você pode dizer,
É o reflexo da minha estrela.*

*Não há pesadelo,
Também conhecido como destino do sonhador,
Exceto um sistema.
Não há cama,
Não há razão para dormir em pé,
Exceto o motivo para arrumar minha mochila,
Meu portal,
Meu trabalho,
Minha própria migração,
Minha saída
E uma fechadura trancada (...)*

*Makanaky Adn, Não Há,
AVE NEGRA MIGRATÓRIA, 2023.*

Epígrafe

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa sobre a migração haitiana em Caçador-SC, é um conjunto de reflexões sobre a integração sociocultural e a alienação do trabalho desenvolvido por Karl Marx em relação às questões salarial, capital e de trabalho. É uma mirada sobre a migração como um fenômeno social total ligado ao sistema economia-mundo capitalista na contemporaneidade. O objetivo deste trabalho é mostrar o processo de inserção do ser haitiano nesta cidade do interior do Estado de Santa Catarina, onde o mercado de trabalho se torna um espaço de acolhimento e ao mesmo tempo um lugar de alienação que priva o migrante das outras perspectivas de inserção. De fato, é um trabalho que mostra como a migração sul-sul e a migração sul-norte se insere na mesma dinâmica, onde o ser em mobilidade é um ser que está procurando mais possibilidade de estabilidade econômica possível. Assim, destacamos que o migrante haitiano é um corpo-fronteira que vende a única coisa que possui que é sua força de trabalho. Para realizar o trabalho utilizamos a autoetnografia e a etnografia como metodologia antropológica, para entender melhor as dinâmicas de integração sociocultural da diáspora haitiana na cidade de Caçador-SC de 2015 até 2024. Além de observar o contexto histórico do Brasil em relação às questões étnico-raciais e de gênero, que esta migração enfrenta. Conseguimos concluir este trabalho com a ideia de que a divisão internacional de trabalho cria o centro atrativo e a periferia repulsiva. Assim sendo, os migrantes haitianos se integram no mercado de trabalho, portanto criaram seus próprios espaços de integração sociocultural onde a língua materna se impõe.

Palavras chaves: Migração haitiana; Integração sociocultural; Brasil; Alienação do trabalho; Economia-mundo.

RESUMEN

El presente trabajo de investigación sobre la migración haitiana en Caçador-sc es un conjunto de reflexiones sobre la integración sociocultural y la alienación laboral desarrollada por Karl Marx en relación con las cuestiones salariales, de capital y de trabajo. Es una mirada sobre la migración como un fenómeno social total ligado al sistema de economía-mundo capitalista en la contemporaneidad. El objetivo de este trabajo es mostrar el proceso de inserción del ser haitiano en esta ciudad del interior del estado de santa catarina, donde el mercado laboral se convierte en un espacio de acogida y, al mismo tiempo, en un lugar de alienación que priva al migrante de otras perspectivas de inserción. De hecho, es un trabajo que muestra cómo la migración sur-sur y la migración sur-norte se insertan en la misma dinámica, en la cual el ser en movilidad es un ser que busca la mayor estabilidad económica posible. Así, destacamos que el migrante haitiano es un cuerpo-frontera que vende lo único que posee, que es su fuerza de trabajo. Para realizar el trabajo, utilizamos la autoetnografía y la etnografía como metodología antropológica, para comprender mejor las dinámicas de integración sociocultural de la diáspora haitiana en la ciudad de Caçador-sc desde 2015 hasta 2024. Además, observamos el contexto histórico de brasil en relación con las cuestiones étnico-raciales y de género que enfrenta esta migración. Logramos concluir este trabajo con la idea de que la división internacional del trabajo crea un centro atractivo y una periferia repulsiva. Así, los migrantes haitianos se integran en el mercado laboral y, por lo tanto, han creado sus propios espacios de integración sociocultural donde la lengua materna se impone.

Palabras clave: Migración haitiana; Integración sociocultural; Brasil; Alienación laboral; Economía-mundo.

ABSTRACT

This research work on Haitian migration in Caçador-SC is a set of reflections on sociocultural integration and labor alienation developed by Karl Marx in relation to wage, capital, and labor issues. It offers a perspective on migration as a total social phenomenon linked to the contemporary capitalist world-economy system. The aim of this work is to show the process of integration of the Haitian individual in this city in the interior of the state of Santa Catarina, where the labor market becomes both a space of reception and a place of alienation that deprives the migrant of other perspectives of integration. In fact, it is a work that shows how south-south and south-north migration fall under the same dynamic, in which the individual in mobility is one seeking the greatest possible economic stability. Thus, we emphasize that the Haitian migrant is a "border-body" that sells the only thing they possess, which is their labor power. To carry out this work, we used autoethnography and ethnography as anthropological methodologies, in order to better understand the dynamics of the sociocultural integration of the Haitian diaspora in the city of Caçador-SC from 2015 to 2024. Additionally, we observed Brazil's historical context regarding ethnic-racial and gender issues that this migration faces. We concluded this work with the idea that the international division of labor creates an attractive center and a repulsive periphery. Therefore, Haitian migrants integrate into the labor market, and as a result, they have created their own spaces of sociocultural integration where the mother tongue prevails.

Keywords: Haitian migration; Sociocultural integration; Brazil; Labor alienation; World economy.

REZIME

Travay rechèch sa a sou migrasyon ayisyen nan Caçador-SC se yon seri refleksyon sou entegrasyon sosyo-kiltirèl ak alyenasyon travay ki Karl Marx devlope parapò ak kesyon salè, kapital, ak travay. Li ofri yon gade sou migrasyon kòm yon fenomèn sosyal total ki konekte ak sistèm ekonomi-mond kapitalis nan epòk modèn lan. Objektif travay sa a se montre pwosesis entegrasyon migran ayisyen nan vil sa a nan enteryè leta Santa Catarina, kote mache travay la vin tounen yon espas k ap akeyi, men an menm tan yon kote alyenasyon ki wete nan men migran lòt opòtinite entegrasyon. An reyalyte, se yon travay ki montre kijan migrasyon sid-sid ak migrasyon sid-nò antre nan menm dinamik la, kote moun ki an mouvman ap chèche pi gwo estabilite ekonomik posib. Konsa, nou mete aksan sou lefèt ke migran ayisyen an se yon "kò-fwontyè" ki vann sèl bagay li posede, ki se fòs travay li. Pou reyalyze travay sa a nou itilize otoetnografi ak etnografi kòm metodoloji antwopolojik, pou nou ka pi byen konprann dinamik entegrasyon sosyo-kiltirèl dyaspora ayisyen an nan vil Caçador-SC soti 2015 rive 2024. Anplis de sa, nou obsève kontèks istorik Brezil parapò ak kesyon etnik-rasyal ak jan ke migrasyon sa a ap fè fas. Nou rive fini travay sa a ak lide ke divizyon entènasyonal travay la kreye yon sant atiran ak yon periferik k ap repouse. Se konsa, migran ayisyen yo entegre nan mache travay la, e konsa yo kreye pwòp espas entegrasyon sosyo-kiltirèl yo kote lang manman yo enpoze.

Mo kle: Migrasyon ayisyen; Entegrasyon sosyo-kiltirèl; Brezil; Alianasyon travay; Ekonomi mond.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BM	Banco Mundial
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
OBMIGRA	Observatório das migrações internacionais
ONU	Organização das Nações Unidas
UNIARP	Universidade Alto Vale do Rio do Peixe
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino Americana

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. MARCO TEÓRICO.....	18
2.1. A MIGRAÇÃO HAITIANA AO LONGO DO SÉCULO XX	18
2.1.1. A MIGRAÇÃO HAITIANA E O BRASIL	21
2.2. HAITIANOS EM SANTA CATARINA.....	25
3. DADOS DE CAMPO.....	30
3.1. TEORIAS AUTO-ETNOGRÁFICA E ETNOGRÁFICA.....	30
3.2. A CIDADE E SUA HISTÓRIA.....	32
3.3. OS HAITIANOS EM CAÇADOR.....	34
3.3.1. AUTOETNOGRAFIA.....	34
3.4. ETNOGRAFIA.....	39
3.4.1. OS HAITIANOS NÃO RELIGIOSOS DA CIDADE.....	43
4. ANÁLISE.....	47
4.1. INTEGRAÇÃO EM DEBATE.....	47
4.2. AS DINÂMICAS ÉTNICO-RACIAIS E OS HAITIANOS EM CAÇADOR.....	48
4.3. INSERÇÃO DOS HAITIANOS AO MERCADO DE TRABALHO.....	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

1. INTRODUÇÃO

Geralmente, uma das dificuldades mais relevantes nos trabalhos de conclusão de curso é de escolher uma temática; não por causa da escassez, mas predominantemente pela quantidade infinita de temáticas pertinentes no âmbito de nossa formação. Assim, navegamos muito antes de chegar a este ponto. Pois, uma das coisas certas é que nossa vida acadêmica não se opõe a nossa vida cotidiana, ou seja, não está em contradição às nossas experiências de vida. Diante deste cenário, demoramos um pouco antes de escolher a “migração haitiana no Brasil” como temática para fazer nossa pesquisa. Contudo, isso não é uma simples escolha, tampouco não é algo inocente. Todavia, este trabalho se insere numa dinâmica de conciliar nosso mundo acadêmico com a realidade de nossas experiências de vida como migrantes.

De ponto de vista etimológico, a migração pode ser definida como a ação de mudar de um lugar de residência para outro. Uma definição simples derivada da palavra *latina- migrare* (CARASSOU, 2006). Esta definição, de uma certa forma, pode ser aceitável como uma forma mais básica e antropológica de entender este fenômeno social. Historicamente, o ser humano sempre se desloca de um espaço para outro por diferentes motivos possíveis, como no caso do casamento, por exemplo, quando alguém deixa seu lar de nascimento ou de sua criação para uma outra casa, onde vai morar com seu marido ou sua mulher. Este é um tipo de migração relacionada aos grupos originários e seus deslocamentos intertribais. Tais processos são vinculados à migração e podem ser vistos como expressões culturais como nos casos de matrimônio em sociedades matrilocais ou patrilocais, religiosos, ou grupos nômades (...). Isso é um tipo de migração que pode ser vinculada mais ou menos à consciência própria das pessoas ou mediante uma imposição de um contexto social e cultural particular. Historicamente, o ser humano consegue povoar o globo terrestre a partir das experiências migratórias ligadas às necessidades mais básicas possíveis, como por exemplo a reprodução social. Então, isso é uma forma particular ou simples de entender a migração, mas nosso interesse é de olhar o tema de um jeito mais globalizante, isto é, acentuar a complexidade deste fenômeno social a partir de sua implicação na transformação da humanidade atual.

Hoje em dia, é muito difícil pensar a migração fora do contexto global e daquele processo histórico que cria este mundo capitalista tão poderoso. Isto é, neste contexto, olhamos o sistema da escravidão como um fator fundamental de uma vez na construção do capitalismo e na migração forçada dos povos negros para a América. Como afirmou o historiador e ex-primeiro-ministro da Trinidad e Tobago, Eric Williams, os benefícios da escravidão contribuíram na realização da

revolução industrial (Williams, *apud.* MILLS, 1979). Considerando esta afirmação, é muito importante entender o deslocamento forçado do africano como um projeto econômico dos europeus baseado no que Mills (1979) chama de contrato racial. Segundo ele, o contrato racial é real e diferente do contrato social, que pode se considerar caracteristicamente como o estabelecimento da legitimidade do Estado-nação e codificação da moralidade e a lei dentro de suas fronteiras, o contrato racial é global. O que implica uma mudança tectônica da base ética e jurídica do planeta em seu conjunto divisão do mundo (MILLS, 1979). Isto é, se o contrato social se limita dentro de uma fronteira específica o contrato racial não tem este limite, ele é algo mais amplo.

Desta mesma forma, podemos olhar o contrato racial como um elemento fundamental na construção do que Mbembe (2022) chama de corpo-fronteira. O autor fala sobre o corpo humano como uma mercadoria. Isso quer dizer, é algo que pode ser vendido e comprado, falando do contexto do tráfico de escravos (MBEMBE, 2022). Nesse sentido é aquele corpo que vai trabalhar nas plantações da América, que vai ser explorado e consumido a fim de construir este mundo capitalista moderno. Como sabemos, a escravidão na América entre os séculos XVI e XIX jogou um papel muito importante no reforço do capitalismo europeu. Segundo Marini a América Latina no século XVI desenvolveu uma relação estreita com o capitalismo internacional:

Forjada no calor da expansão comercial promovida no século 16 pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos, a América Latina contribuiu em um primeiro momento com o aumento do fluxo de mercadorias e a expansão dos meios de pagamento, que, ao mesmo tempo em que permitiam o desenvolvimento do capital comercial e bancário na Europa, sustentaram o sistema manufatureiro europeu e propiciaram o caminho para a criação da grande indústria (MARINI *apud.* MAGALHÃES, 2017, P. 42).

O Haiti especificamente, foi um dos principais lugares que alimentou o sistema da economia capitalista mundial, pois, foi uma das importantes colônias na produção de matérias-primas e bens primários para sua metrópole que ficava na Europa. E tudo isso foi possível na superexploração do trabalho forçado dos africanos escravizados:

A partir de então se faz patente o desenvolvimento desigual das duas entidades integrantes da ilha. A parte ocidental, Saint Domingue, com a mão-de-obra servil trazida da África, se converteu na joia da coroa francesa. Chegou a assegurar a terceira parte do comércio mundial da França, produzindo para esta metrópole mais riquezas que toda a Hispanoamérica produzia para a Espanha. Esta colônia, a mais rica das possessões açucareiras do Caribe, jogou um papel muito importante no desenvolvimento do capitalismo na França, fortalecendo a pujante burguesia comercial e manufatureira metropolitana. Na parte espanhola, se reflete o contrário, a lenta decadência da Espanha. Ademais, desde princípios do século XVI e durante todo ele, os colonos decepcionados pela escassez de ouro emigraram, despovoando este território e acelerando assim a decadência de que foi sede a Real Audiência e a primeira colônia espanhola da América. Santo Domingo se converteu

rapidamente em uma economia de pecuaristas nômades com grandes áreas disponíveis e um desenvolvimento muito reduzido de suas forças produtivas (CASTOR *apud*. MAGALHÃES, 2017, P. 47).

De acordo com o sociólogo americano Immanuel Wallerstein (1974), esta relação econômica-capitalista entre a Europa e a América colonial é conhecida como sistema-mundo.

O pensador camaronês, Achille Mbembe (2022), afirma que uma das principais transformações antropológicas da nossa época é a divisão da humanidade em múltiplas frações de classes tipificadas racialmente. Assim, ele destaca que de um lado há a distinção entre pessoas solventes e pessoas insolventes de uma maneira particular e do outro lado, de uma forma mais global, ele fala de uma divisão entre a parcela móvel da humanidade e a humanidade errante, baseado no pensamento de Etienne Balibar. De acordo com o filósofo francês, Etienne Balibar (2019), esta parcela móvel da humanidade e a humanidade errante pode ser a “migração” como consequência dos processos de violência política ou econômica cujas vítimas são as populações locais. Então, durante os quatro séculos da escravidão, a América conhecia uma migração forçada sem precedente que é aquela dos povos negros da África ocidental. Desta mesma forma como afirma o historiador, o corpo-fronteira é essencialmente um corpo de raça, é um corpo de classe racial sujeita a um cálculo intensivo de um novo tipo, é também naquele que se unem à externalização e à internacionalização (MBEMBE, 2022).

Fizemos essa breve contextualização, a partir do pensamento desses autores, para pensar um pouco na realidade da migração haitiana em diferentes países, seja dos países do norte como os do sul global. Porém, não vamos negar que o próprio conceito de migração é sujeito de grande debate para muitas pessoas e em muitos lugares, sobretudo na Europa a noção de migração está sempre na atualidade. Num artigo intitulado “Les bons et les mauvais migrants” escrito por David Torondel (2018), publicado na revista “altenative no-violente”, o autor levou em consideração várias palavras vinculadas à migração. Entre elas clandestino; refugiados; exilado; requerente asilo; migrante; expatriado etc. Cada uma dessas palavras vinculadas com o tema, tem uma significação diferente. Porque, a cada situação ou contexto geográfico se apropria uma dessas. Dessa mesma forma, ele critica a tentativa de diferenciar o “refugiado” e o “migrante econômico”, segundo o qual os argumentos mobilizados são artificiais. Pois, o primeiro é aquele que foge de uma situação de guerra e o segundo afasta-se das situações de miséria e fome. A partir desta perspectiva, enfatizamos sobre as situações enfrentadas no mundo para estudar e entender as realidades migratórias na sua complexidade.

Nesta mesma ordem, Baeninger e Peres (2017) enfatizaram sobre a situação da migração haitiana no Brasil destacando que ela se configura como um elemento histórico construído no país de origem e que faz parte do que Olivier Clochard (2007) chama de migração de crise. Este conceito engloba imigrantes com condição juridicamente definida de refugiados; imigrantes com refúgio humanitário; imigrantes (de crise humanitária) e imigrantes ambientais. São categorias caracterizadas pela presença da crise no seu lugar de origem, de fato essas categorias têm um sentido de “migração forçada”. No entanto, a própria definição do conceito de migração da crise se aferra com fenômeno condicionado socialmente e que é o espalhado os problemas políticos; civis; religiosos; ideológicos e humanitários (BAENINGER e PIRES, 2017).

Em relação a esta migração haitiana no Brasil, as autoras devem encaixá-la no quadro teórico-conceitual de migração da crise, que é a consequência da realidade de crises de diferentes tipos que atravessam o Haiti seja política, ideológica e humanitária (...). Ressaltando que essas categorias foram fundamentadas em convenções internacionais, pois as distintas formas de refúgios, como mencionado anteriormente, estão absolutamente articuladas com o que Lubkemann denomina “imigrantes econômicos” (BAENINGER e PIRES, 2017). Utilizando esta categoria, elas se aproximam do debate de Torondel a propósito dos conceitos de refugiados e migrantes econômicos. Desta mesma ordem elas conseguiram articular a categoria imigrante econômico com o próprio funcionamento do mercado global e do mercado de trabalho imigrante inserido nas relações hierarquizadas referindo-se a Basso. Então, a reflexão das autoras sobre a imigração haitiana no Brasil nos leva a refletir sobre o Haiti, seus diferentes momentos de crises políticas e sociais na história do país e suas relações com o mercado internacional, ou seja, o capitalismo internacional.

Este presente trabalho leva à preocupação sobre os processos de integração do ser haitiano na sociedade brasileira, especificamente na cidade Caçador- SC. Como em qualquer outra grande cidade do Brasil, no caso do São Paulo, por exemplo. Caçador é uma cidade do interior do Estado de Santa Catarina onde a população imigrante haitiana marca sua presença sobretudo nas empresas. Pois, segundo os dados anteriores, no ano 2014 o Estado Santa Catarina foi muito importante com um bom volume de trabalhadores estrangeiros de nacionalidade haitiana, registrada no mercado formal de trabalho, repartindo em vários municípios.

Este trabalho com certeza não é o único ou o primeiro que se realiza sobre a migração haitiana em terras brasileiras. Porém, a maioria dos trabalhos que já foram feitos sobre essa temática tem como foco as grandes cidades mais conhecidas ou algumas cidades fronteiriças onde os haitianos só passam um tempinho antes de se dirigir para outros lugares. Nesta mesma ordem,

podemos dizer que o haitiano ou qualquer estrangeiro que tenta construir sua vida num tipo de cidade pode ser considerado como um esquecido do mundo, pois não existe um olhar direito sobre aquela pessoa. Assim, este trabalho é uma forma de projetar uma luz sobre a vida dos migrantes haitianos na cidade no interior de Santa Catarina, que trabalham para responder às suas necessidades e que de uma maneira ou outra tentam de integrar-se segundo seus entendimentos ou seus objetivos de vida tanto como estrangeiros-haitianos e trabalhadores no Brasil. Aqui a necessidade foca-se na migração laboral, em específico, o caso dos haitianos que de certa forma leva em questão a noção da raça. Já que, os haitianos talvez sejam o maior índice de população negra na cidade Caçador-SC.

O objetivo principal deste trabalho é entender os processos de inserção da diáspora haitiana na cidade Caçador nas diferentes esferas. Como as questões vinculadas ao mercado de trabalho e do ponto de vista social e cultural. A ideia é entender todas as dinâmicas ligadas à vivência da comunidade haitiana nesse espaço geográfico, em todas as dimensões possíveis. Isso quer dizer, cada detalhe vinculado a essa população é importante: suas práticas linguísticas, religiosas; as relações entre si mesma e com os nativos; o sentido simbólico que se desenvolve com o espaço; as relações com o país de origem e com o lugar onde está a comunidade. De grosso modo, a ideia é resgatar todos os elementos necessários para definir o “ser haitiano” dentro do espaço que essa diáspora se desenvolve.

A hipótese deste trabalho é que tem uma inserção certa da população haitiana, uma integração vinculada ao mercado do trabalho já que como migrante-preto(a), ela constitui uma força de trabalho muito importante para a indústria brasileira. Porém, esta primeira, não deixa possibilidade para outra forma de integração considerando as condições precárias vinculadas a este trabalho não dá para conciliar o trabalho e outras atividades. Em outras palavras, a intensidade do trabalho e/ou o processo do trabalho não deixa opções com essas pessoas para se envolver em outras atividades.

Para realizar este trabalho, utilizamos a teoria de Abdelmalek Sayad (1988) que olha a migração como um “fato social total” e o migrante como força de trabalho. Nesta mesma ordem, baseamos sobre a perspectiva de Sidney Antonio Da Silva (2015) que no seu texto: Inserção social e produtiva dos haitianos em Manaus vê o migrante apenas como “força de trabalho”. Assim, acentuamos na teoria de “alienação de trabalho” de Karl Marx (1996) para entender melhor esta relação entre o migrante haitiano no Brasil e o trabalho e por fim, prestamos uma atenção especial na teoria de economia-mudo de Immanuel Wallerstein (1974) para entender a migração como um

fenômeno ligado à divisão internacional de trabalho.

Neste presente trabalho utilizamos um tipo de metodologia mista. Primeiramente trabalhamos com a autoetnografia, que é uma metodologia na antropologia que olha a realidade coletiva baseando nas experiências pessoais do autor ou do pesquisador. Pois, essas experiências próprias do autor são experiências compartilhadas por outras pessoas, ou seja, a comunidade estudada. Em segundo lugar trabalhamos com a etnografia para aprofundar mais a pesquisa. Fizemos a observação participante para ter uma ideia mais profunda do comportamento do Haitiano no espaço relacionado ao trabalho e também à sua vida social fora do lugar do trabalho, a partir da perspectiva de Roberto Cardoso de Oliveira (2006), o trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever.

2. MARCO TEÓRICO

2.1. A MIGRAÇÃO HAITIANA AO LONGO DO SÉCULO XX E NAS DUAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

Antes de chegar a este ponto sobre a migração haitiana, gostaríamos de dar uma volta para a história do Haiti. Então, a nova nação foi criada em 1º de janeiro de 1804, depois de muito tempo de lutas contra a escravidão e a colonização do imperialismo francês. Esta nova nação foi composta de uma população que chegou dos navios negreiros como um amontoado de peças de reposição, amostras de humanidade sem pertencimento estruturado a um grupo social significativo (CASIMIR, 2018). Esta população vai ser definida como uma população negra, segundo a primeira constituição do país, no seu artigo 14:

Qualquer significado de cor entre os filhos de uma mesma família, da qual o chefe de Estado é o pai, deve necessariamente cessar, os haitianos passarão a ser conhecidos apenas pelo nome genérico de Negros.

Apesar de que o haitiano é definido assim pela constituição, isso não acabou com certos problemas vinculados com algumas contradições do período colonial como por exemplo as questões de raça e de classe. Logo depois do assassinato de Jean Jacques Dessalines em 17 de outubro de 1806, esses problemas voltaram e constituem uma base para muitas crises políticas e socioeconômicas. Para Dessalines (1804-1806), cabe ao Estado proteger o acesso dos ex-cativos à terra. Existe, portanto, uma comunidade de interesses entre o Estado e a sociedade, bem como um espaço de negociação política. Depois da Pont Rouge, onde Dessalines foi assassinado, depois de muito tempo nenhum chefe de Estado levantou esta bandeira, e nenhum intelectual questiona a razão da discriminação contida nas áreas superficiais às parcelas concedidas a ex-cativos. A sociedade e o Estado tomam emprestado caminhos divergentes e os “*gente de fora*”, os excluídos, nascem na presença de todos os nossos líderes de pensamento. Neste contexto, nasceram muitos conflitos sociais, econômicos e políticos que constituem também uma base para a instabilidade política ao longo dos períodos (CASIMIR, 2008). Aquelas situações de crises que podemos considerar como um pretexto para a primeira ocupação dos Estados-Unidos de 1915 a 1934.

Trouxemos este debate, porque este momento de ocupação tem um papel crucial na situação sociopolítica e econômica do Haiti. De acordo com o professor haitiano Georges Eddy Lucien (2018), os motivos da ocupação militar norte-americana são de diversas ordens, política

estratégica e econômica considerando o interesse dos Estados- Unidos para ter um lugar importante na divisão internacional do trabalho. A propósito deste contexto, o autor destaca um fato muito importante, que é o assalto ao Banco Central do país e o confisco da reserva de ouro do país pelos marines americanos em 17 de dezembro de 1914, reserva que foi avaliada em US \$500.000 dólares. Ele explica que aquele roubo pretendia impedir o Estado haitiano de ter acesso ao dinheiro e assim agravar a situação do país com uma crise econômica e financeira (LUCIEN, 2018). Até hoje, financeiramente o país não se estabiliza e depende de órgãos internacionais, com uma dívida externa estimada a 890 milhões de dólares e entre os maiores credores estão além do FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Além dos problemas políticos sistemáticos que implicam intervenções internacionais com forte implicações dos Estados Unidos.

Considerando o momento daquela ocupação podemos ver que ela se desdobrou no contexto da primeira guerra mundial (1914-1918), e os Estados Unidos no momento estavam expandindo seu poder vinculado com a política imperialista de James Monroe (1823). Esta política imperialista se relaciona diretamente com o sistema capitalista. De acordo com Lenine (2011), o imperialismo é a etapa superior do capitalismo. Assim, a lógica que levou os yankees no Haiti em 1914 se relaciona com esta política.

Este roubo citado nas linhas anteriores, marcou uma nova era na realidade econômica do país. Imaginemos um Estado sem acesso às condições financeiras para responder às necessidades da nação, o espaço de uma certa forma vira repulsivo para os seus habitantes. Assim, a ocupação virou determinante na migração dos haitianos, sobretudo a classe dos camponeses que foram para outros lugares no Caribe como a República Dominicana e Cuba. Pois, segundo Lucien (2018) os americanos aproveitam a ocupação do território para incitar os haitianos a migrar para esses países para servir como mão de obra nos campos de cana de açúcar e de indústrias de açúcar. Daí, do ponto de vista demográfico, essa migração “masculina” chamada de “*Braceros*”, era muito significativa na República Dominicana assim como em Cuba e nas Bahamas. Somente em Cuba, entre 1913-1931, registraram 400.000 trabalhadores haitianos, considerado 20% da população haitiana na época. Segundo Lucien (2018) já havia esse movimento de migração dos haitianos para Cuba no começo dos anos 1900, mas durante a ocupação o número aumentou consideravelmente.

Daí, na divisão internacional do trabalho, o Haiti vira um país fornecedor de mão de obra barata, a partir da realidade migratória:

Em suma, a migração dos camponeses haitianos durante a ocupação americana, por um lado, atende às necessidades da indústria açucareira Americana (em Cuba e na República

Dominicana) cujo principal investidor é o banqueiro americano e, por outro lado, alimenta o público receita gerenciada pelo consultor financeiro, representante direto do Citibank (LUCIEN, 2018, P.113).

Como podemos constatar nessas linhas, o Haiti, durante o período da ocupação militar dos yankees, vira um território de repulsão para seus filhos e filhas. Assim, as políticas econômicas e financeiras internas do agressor valorizam uma migração regional do povo haitiano. De fato, esta força migratória pode ser considerada como uma força motriz para a acumulação de capital dos banqueiros estadunidenses. Esta migração haitiana para as repúblicas vizinhas do Caribe foi condicionada também pelo desenvolvimento desigual entre Haiti e República Dominicana (CASTOR *apud*. MAGALHÃES, 2017).

Sem prolongar sobre o período da ocupação, achamos que é muito importante também olhar outros momentos chaves no processo migratório dos haitianos para outros países. Como já sabemos, existem muitos fatores que podem implicar, para que alguém ou um grupo de pessoas deixe seu lar para outros espaços geográficos fora de sua fronteira. No caso do Haiti, depois da primeira ocupação dos americanos, nos períodos dos anos 60 até os anos 2000, muitos haitianos fugiram do país por causa das crises sócio-políticas e econômicas.

Assim, a ditadura dos Duvalier (1957-1986) teve um grande papel na expulsão do povo para fora do país. Esta Migração, desta vez, não foi para os países vizinhos do Caribe, mas para a América do Norte, no caso dos Estados-Unidos e Canadá, e a Europa no caso da França em particular. Nós conhecemos este tipo de migração como migração sul-norte. O que os haitianos na sua linguagem chamam de “*gran peyi*” especificamente no caso dos Estados Unidos da América (MONACÉ, 2021; JOSEPH, 2015). Aquela onda migratória foi relevante tanto com as pessoas da classe desfavorecida quanto para a elite. Algumas fugiram por causa de sua posição política e outras pela sua condição de vida vulnerável. De acordo com os relatórios, este período da história foi difícil para diferentes camadas da população haitiana.

Referindo-se aos dados entre os anos 1970 e 1979, havia 7.837 haitianos de origem camponesa sem documentação que foram migrados para a costa da Flórida a partir de pequenas embarcações. Fenômeno chamado de *boat people*, isso se explica como pessoas migrantes que arriscam sua vida para viajar em pequenas embarcações (pequenos barcos) para fugir dos problemas ou as realidades difíceis do país onde vieram (MONACÉ, 2021). Segundo John-Kelly Monacé (2021), no ano de 1994, 60 % dos haitianos que moravam em Miami já haviam morado nas Bahamas, pois são eles que abrem o caminho para a migração clandestina dos camponeses do sul

para o norte. De todas essas migrações, seja do Sul para o Norte ou do Sul para o Sul, os migrantes sempre têm uma boa relação com o país originário, sobretudo com suas famílias a partir do fenômeno *voye lajan* (transferência de dinheiro) (MONACÉ, 2021).

Desta mesma forma, Handerson Joseph (2015) destaca que o fenômeno de *boat people* teve seu auge no segundo fluxo migratório entre 1977 e 1981, com 50.000 a 70.000 haitianos chegando vivos no litoral da Flórida, apesar de que muitos morreram no mar neste mesmo período. As embarcações de um lado naufragaram por problemas técnicos e de outro lado os agentes estadunidenses afundaram os barcos, matando um número indeterminado de haitianos, situação que levou a muitas mobilizações de instituições da sociedade civil como: instituições religiosas, políticas e associativas em prol dos direitos humanos desses sujeitos como o *National Council of Churches* (organização religiosa nos Estados Unidos), o *Black Caucus* (organização representante dos negros americanos no Congresso) e o *Haitian Refugee Center* (Centro de Refugiados Haitianos) (JOSEPH, 2015)

Além dos períodos da ocupação e da ditadura, no contexto “pós-ditadura (1986)”, houve outras ondas de migrações de grandes escalas. O presidente Jean-Bertrand Aristide foi eleito em dezembro de 1990 em eleições democráticas, mas logo em 30 de setembro de 1991 foi vítima de um golpe de Estado e de uma deportação, assim foi instalada uma situação caótica no país que levou a um terceiro fluxo migratório dos haitianos. Assim, cerca de 46.000 pessoas de *boat people* foram interceptadas em meio ao mar e foram conduzidas para os campos de detenção de Guantánamo em Cuba para solicitar refúgio. Dentro dessas pessoas 72% foram indeferidos nas demandas de refúgio pelo Serviço de Migração estadunidense, e uma boa parte ficou presa por mais de um ano. Como sublinha Handerson Joseph (2015), referindo-se aos dados de outros autores como Wooding e Moseley-Williams, durante este tempo de deportação do presidente Jean Bertrand Aristide, mais de 100.000 haitianos abandonaram o país, fugiram para outros países vizinhos, como República-Dominicana; Guadalupe; Guiana Francesa; porém muitos deles foram parar em Guantánamo (JOSEPH, 2015).

2.2.1. A MIGRAÇÃO HAITIANA E O BRASIL

Como já foi mencionado acima, muitos fatores podem implicar o fenômeno da migração, seja a uma grande escala ou em pequeno nível. Além das crises políticas dos anos 1980 e 1990, os eventos de 2003 e 2004 que provocaram a queda do governo de Jean Bertrand Aristide (2001-2004)

criaram uma outra onda migratória. Considerando que a cada momento ou situação difícil da vida nacional muitos haitianos têm a tendência de procurar um lugar melhor para permanência, nessas duas décadas do século XXI muitos haitianos foram para diferentes lugares, seja para a Europa e o norte da América ou para o sul da América, como Chile e o Brasil. Neste último caso, além das situações de crises políticas, o problema da catástrofe natural impacta na deslocalização do povo haitiano.

Da mesma maneira que pessoas de diferentes nacionalidades dos países da América do Sul como Venezuela, Equador, Bolívia entre outros, a presença dos haitianos no território brasileiro não é algo novo. Segundo os dados, já faz um bom tempo que o Brasil tem a presença de haitianos, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os primeiros haitianos chegaram legalmente no Brasil nos anos de 1940 (16 pessoas); em 1950 (21 pessoas); em 1960 (90 pessoas); em 1970 (127 pessoas) em 1980 (141 pessoas); entre 1990 e entre os anos 2000 e 2002 foi registradas a chegada 15 haitianos nas bases da polícia federal (JOSEPH, 2019; MONACÉ, 2021). Já entre 2022 e 2008 foi registrada a entrada de 135 registrados no país:

No Brasil, foi possível identificar, nas bases de dados da Polícia Federal, a chegada de 15 haitianos entre 2000 e 2002. Desde então, houve aumento no número de chegadas anteriores ao terremoto de 12 de janeiro de 2010. Assim, de 2000 a 2008, 135 haitianos foram registrados no Brasil (PERES, *apud*. MONACÉ, 2021, P.104)

Entretanto, o momento mais significativo da migração dos haitianos no Brasil é o momento pós-terremoto devastador do Haiti que atingiu principalmente a Capital, Porto-Príncipe no dia de 12 de janeiro de 2010.

De acordo com os relatórios, no ano 2010 vários haitianos chegaram nas fronteiras do Brasil especificamente no estado do Amazonas, cerca de 200 haitianos, pedindo refúgio (MONACÉ, 2021). Na segunda semana de fevereiro de 2010, chegou um primeiro grupo de doze haitianos em Tabatinga-AM (cidade de tríplice Fronteira entre o Brasil, Colômbia e Peru) (JOSEPH, 2015). Em 2010, 300 haitianos entraram no Brasil e foram considerados como migrantes, já em 2011, 2.656 haitianos conseguiram *o status de migrante* (OLIVEIRA, *apud*. MONACÉ, 2021).

O antropólogo haitiano, que trabalha sobre a mobilidade dos haitianos na história e sobretudo no Brasil, Handerson Joseph (2015), enumera vários fatores que instigam a presença daqueles migrantes haitianos no Brasil. Ele destaca cerca de seis fatores: primeiramente a proximidade geográfica entre o Brasil e a Guiana Francesa, na qual o Brasil é como um corredor para a entrada do haitiano na Guiana, bem como uma etapa para conseguir visto para outros países

como Estados Unidos, Canadá etc. Em segundo lugar, é o fato de que o Brasil tem um papel político e econômico importante no cenário mundial, assim como no mesmo período chefiou a Missão das Nações Unidas pela paz no Haiti (MINUSTAH), criada pela resolução 1.592 de fevereiro de 2004 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Em terceiro lugar é a posição pública e internacional do Governo brasileiro segundo a qual estava aberto para receber a migração haitiana; Em quarto lugar é a propagação entre os próprios haitianos de que o poder brasileiro encorajou a migração haitiana para trabalhar nas construções de obras para a copa do mundo de 2014. Em quinto é a propaganda da imagem de que o Brasil é um paraíso racial, sem discriminação contrariamente à Republica Dominicana e por fim é a circulação de informação de que no Brasil, a pessoa migrante tem moradia, alimentação gratuita e um salário de trabalho significativo como 2.000 a 3.000 US por mês. Além disso, ele também adiciona o fator que se vincula ao sismo de 12 de janeiro de 2010 (JOSEPH, 2015).

Além dessas explicações, muitos outros autores que trabalham com a migração haitiana para terras brasileiras, olham o fenômeno a partir de duas dimensões, no primeiro momento os fatores internos à sociedade haitiana e os fatores externos vinculados ao capitalismo global, sobretudo o capitalismo dependente. Luís Felipe Aires Magalhães (2017), na sua tese sobre a migração haitiana em Santa Catarina destaca que o direcionamento do haitiano para o Brasil está relacionado às transformações na economia mundial que se operam em três dimensões: 1) crise que deteriorou as condições de vida e de trabalho dos migrantes nos países centrais referindo-se ao CEPAL; 2) a deterioração da instabilidade política, econômica e institucional pós 2004 o ano que iniciou a intervenção da MINUSTAH e 3) a expansão da economia brasileira no limite da primeira e da segunda década do século XXI (MAGALHÃES, 2017).

Os migrantes haitianos representam a única categoria migrante com um tratamento especial, definido a partir da resolução Normativa de 12 de janeiro de 2012 do Conselho Nacional da Migração (CNIg). Aquela resolução baseada no art.16 da lei federal número 6.815 de 19 de agosto de 1980 que estipula a concessão de visto permanente. Assim, a criação do visto humanitário no caso dos haitianos e haitianas nesta última década, é algo novo para o Brasil:

A criação do visto humanitário é uma inovação no aparato jurídico brasileiro concebida para ordenamento desse fluxo, expressa e é expressão das relações estruturadas a partir da presença econômica, política e militar brasileira nesse país. O protagonismo do Brasil nas organizações internacionais e uma política externa mais ativa e ativa, dialogam ainda com o contexto da crise capitalista de 2008, com o crescimento econômico vivenciado pelo país durante o começo do século XXI, com a dependência de remessas e com o fechamento das fronteiras do Norte Global (DEMÉTRIO *et al.* 2023, P. 179).

Tais decisões, nos deixam entender que tal política “humanista” do Estado tem seu fundamento nas novas posições internacionais politicamente e economicamente ocupadas pelo Estado Brasileiro nos últimos anos. Já que, são essas posições que podem explicar sua atuação no Haiti através da MINUSTAH (2004-2017), e que leva também a conceder o dito “visto humanitário”. Portanto, a pauta deste visto humanitário pelos órgãos federais se insere no “mito terremoto” (BAENINGER e PERES, 2017). Aquilo não é só novo, mas é específico aos haitianos, notando que não se enquadra na convenção de 1951 e o protocolo de 1967 das Nações Unidas (ONU) relacionando com o visto refúgio concedido nos casos de perseguição política, guerras e perseguições e conflitos de qualquer tipo, pois o último se encaminha sempre para o comitê nacional para os refugiados (CONARE). Não obstante, para o Estado brasileiro a concessão de visto humanitário para os haitianos tem a ver com a questão de “acolhimento humanitário” (*Ibid.* 2017).

Assim, qualquer haitiano residente no Haiti e que não tem antecedente criminal pode solicitar aquele visto permanente para residir no Brasil por razões humanitárias (CAVALCANTI, TONHATI e OLIVEIRA, 2017). Portanto no início da sua entrada no Brasil, após o trajeto até a fronteira brasileira, o haitiano deve enfrentar um longo processo para a regularização da sua situação migratória. O ponto de partida é a solicitação de refúgio apresentada à autoridade migratória nas cidades fronteiriças. A abertura desse processo leva à emissão de um protocolo que permite ao imigrante a obtenção de carteira de trabalho e CPF provisórios, enquanto a solicitação de refúgio é analisada pelo CONARE. Tais documentos são essenciais para o ingresso do imigrante no mercado formal de trabalho e o envio de remessas por causa das demandas de refúgio que não se encaixam nas exigências em lei e convenções internacionais que levam a uma situação de irregularidade continual dos haitianos. O governo Federal apanhou uma decisão para que isso não se reproduza, daí a origem da resolução normativa-RN número 97, na qual concedeu visto humanitário permanente para um prazo de 5 anos, um visto que deveria ser retirado no consulado do Brasil no Porto-Príncipe a capital do país, Haiti (MAGALHÃES, 2017).

A resolução citada no parágrafo anterior, de uma certa forma, é reforçada com a lei federal nº 13.445 de 24 de maio de 2017 que trata sobre os direitos e deveres dos migrantes. Pois, desde no Art. 1º esta Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estadia no país e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o imigrante. De um lado esta lei é aplicável tanto para os brasileiros no exterior do território nacional quanto para os estrangeiros ou apátridas na terra da “ordem e do progresso”. Essa lei no Art. 4º, garante ao migrante no território nacional, em condições de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do

direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, bem como são assegurados. Pois, nos incisos I, II e III a lei garante os direitos e liberdades civis, sociais, culturais e econômicas; direito à liberdade de circulação em território nacional; direito à reunião familiar do migrante com seu cônjuge ou companheiro e seus filhos, familiares e dependentes. A partir desta lei, podemos ter mais ou menos uma ideia sobre a maneira que a administração do Estado se implica juridicamente na situação dos migrantes.

Como vimos nos parágrafos anteriores, a migração haitiana no Brasil era tão destacada no seu início no começo do ano 2011, que levou muitas preocupações e reflexões à sociedade brasileira. Assim, Cogo (2017) sublinha algumas terminologias sensacionalistas utilizadas nas mídias para descrever a situação da vida dos haitianos, como “chegada massiva”, “invasão”, “descontrole por parte das autoridades”, “ilegalidade por parte dos migrantes” etc. (COGO, *apud*. MONACÉ, 2021). Como podemos observar a partir dessas linhas, a migração haitiana no Brasil entre esses anos representava algo totalmente novo e estranho para os brasileiros considerando seu crescimento rápido. Segundo os dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA) entre 2011 e 2013, os haitianos representavam no Brasil, os principais fornecedores de mão-de-obra no mercado formal de trabalho. No entanto, a região do sul foi onde mais concentrou este fluxo, e o Estado Santa Catarina teve a maior população desta migração sendo 10 707 haitianos registrados no mercado formal do trabalho (CAVALCANTI, TONHATI e OLIVEIRA, 2017).

Cogo (2016), acrescentou que este fenômeno migratório dos haitianos no solo brasileiro era algo muito estranho na história da migração no Brasil. Essa nova imigração haitiana ganhou notoriedade pública a partir de um intenso fluxo de informações e imagens produzidas e difundidas pela mídia brasileira em torno de seu ingresso através da fronteira da região norte do Brasil. De fato, esta onda migratória incitou muitos debates não porque o país não havia conhecido o que é a migração, mas porque talvez fosse algo novo com os haitianos. Contudo, poderíamos perguntar porque era novo? O que tem de diferença na migração haitiana e em relação às outras?

2.2. HAITIANOS EM SANTA CATARINA

Segundo Magalhães, os primeiros haitianos presentes no Estado de Santa Catarina foram recrutados na região norte, especialmente no Estado do Acre, que era como uma porta de entrada.

Havia três grandes empresas do Estado de Santa Catarina com uma forte atuação no recrutamento dessa força de trabalho dos migrantes haitianos, as empresas são as seguintes: Multilog, Ambiental e Inbrasil Construtora e Incorporada. Os primeiros haitianos em Balneário Camboriú trabalharam como garis no município e no porto de Itajaí. Alguns haviam sido recrutados no Acre para trabalhar na construção civil em Navegantes, mas os atrativos em Balneário Camboriú, especialmente a maior oferta de emprego e acesso a serviços e a proximidade com os haitianos residentes em Balneário Camboriú, rapidamente os atraíram para este município (MAGALHÃES, 2017). Nesta perspectiva, Cogo (2016) estabelece uma relação de causalidade entre a chegada massiva dos haitianos no norte do Brasil e os planos das instituições estaduais para a dispersão dos haitianos para outros grandes centros do país onde eles teriam emprego.

Para muitos haitianos moradores das cidades da região do Vale do Itajaí isso não é a última fase da sua trajetória, pois em 2014 houve uma mobilidade interna. Isso quer dizer que eles se deslocaram para morar em outras regiões do estado, especificamente na região oeste, nas cidades como Chapecó, Concórdia, Xanxerê etc. Isso representa uma segunda etapa na mobilidade dos haitianos em Santa Catarina e essa fase se relaciona com a inserção ao trabalho (MAGALHÃES, 2017).

Entre os Estado e as empresas pode haver um tipo de cumplicidade nas decisões. De um lado o Estado trabalha com os dispositivos jurídico-administrativos para chegada e a “inserção” dos haitianos na sociedade brasileira e do outro lado o setor privado, opera através de algumas indústrias por ações concretas, para a dispersão dos haitianos no solo brasileiro. Como sublinha Baeninger (2016), a história da migração se vincula à expansão do capitalismo com circulação de capital, mercadorias e pessoas, construindo um excedente populacional. No contexto atual, é importante destacar que esse excedente populacional corresponde às necessidades geradas tanto na área de origem como na área de destino, compondo um movimento transnacional, que acompanha o capital e a inserção das localidades na divisão social e territorial do trabalho em âmbito nacional e internacional (BAENINGER, 2016).

Podemos entender que tais decisões jurídico-administrativas tomadas pelos órgãos Estaduais, não são separadas das ações das indústrias. Deste modo, o Estado e o setor privado a saber (as instituições capitalistas) trabalham juntos. Digamos que o Estado no mundo capitalista tem como interesse defender os interesses do capital, seja nacional ou internacional. Sendo que, esta implicação do Estado na migração haitiana no Brasil se inscreve numa dinâmica global e complexa, isso quer dizer que ela se submete a papéis políticos e econômicos internacionais do Brasil e as

relações migratórias entre o sul global e o norte, pois, nos últimos anos há crescente restrições de visto de permanência, em conjuntos com ações securitárias nas fronteiras nacionais nos países do Norte Global (DIAS, 2020).

Como podemos ver, a migração haitiana no Brasil nas primeiras décadas do século XXI, é objeto de muitas reflexões tanto nas universidades brasileiras quanto nas mídias, sejam raciocínios positivos ou tanto mal. Não podemos negar que a presença dos haitianos como pretos, trazendo alguns debates étnico-raciais de longa data que já existem na sociedade brasileira, ademais, dos discursos racistas, xenófobos, entre outros. Como relata Alves, é que o Brasil tem suas especificidades em relação a esses problemas:

Pensando as especificidades do Brasil, a chegada de imigrantes do Haiti, de países da África e vizinhos latinos, na primeira década dos anos 2000 mobilizaram reações políticas de xenofobia, racismo e criminalização, retratados como invasores e perigosos quando naquele período, a presença de imigrantes europeus era maior no país, (ALVES, *apud*. DIAS, 2020).

Como sabemos, a história da migração no Brasil é algo de um longo período, com comércio triangular teve a migração forçada dos africanos igual em toda a América e depois teve uma onda migratória com europeus no século XIX. Essa segunda onda dos europeus, se vinculou com uma política racial baseada na ideologia do branqueamento, durante o período pós-abolição de 1888. Isso é toda uma pauta sobre a exclusão dos povos negros recém livres da escravidão e a inclusão do branco no mercado de trabalho, com o decreto n. 528 de 28 de junho de 1890, a elite brasileira desta época queria trazer imigrantes europeus para o Brasil excluindo outras categorias por questão étnico-racial. Assim no seu artigo primeiro se lê:

É inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à acção criminal do seu país, excetuados os indígenas da Ásia, ou da África que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de acordo com as condições que forem então estipuladas (FALCONERIS, 2022).

Dias (2020) destacou que a presença de trabalhadores imigrantes do sul global no Brasil, muitos classificados como não qualificados, condição atravessada pelas marcações raciais e étnicas, representa uma das expressões atualizadas de uma lógica colonial que produz uma inserção subalternizada quanto ao tipo de trabalho, as condições de trabalho, a remuneração e sobre sua própria condição existencial (DIAS, 2020). Assim, entendemos que a migração haitiana no espaço geográfico brasileiro nos últimos anos não é dispensada desta reflexão produzida pela autora.

Referendamos a esta última, ao atribuir os raciocínios de Abdelmalek Sayad na qual o imigrante é visto como um problema social e que para ser resolvido deve mobilizar a atividade do trabalho, mas não qualquer trabalho, mas um tipo específico (SAYAD *apud*. DIAS, 2020). Sendo isso, o trabalho e o imigrante tem uma relação íntima digamos dialética mesmo, no sentido que o trabalho cria o imigrante e que a migração cria um trabalho que lhe atribui, o trabalho do migrante é trabalho que:

[...] o “mercado de trabalho para migrantes” lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído; trabalho para imigrantes que requerem. Pois, imigrantes como o trabalho é a própria justificativa do imigrante, ou seja, em última instância, o próprio imigrante desaparece no momento em que o trabalho desaparece, o trabalho que cria ambos (SAYAD, 1998, p.55).

Desta lógica, podemos observar que o sociólogo magrebino, Abdelmalek Sayad, não separa o imigrante e o trabalho. Como enfatiza Dias, para Sayad falar de imigrante e trabalho ao mesmo tempo, é um pleonasma (DIAS, 2020). De fato, nos seus estudos, Sayad considera elementos explicativos da sociedade de origem e da sociedade receptora para produzir análise que vincula emigração e imigração e que destaca a lógica do trabalho na sociedade capitalista como central na condição de desumanização, provisoriedade e precariedade determinada à força de trabalho imigrante (DIAS, 2020).

Como conclusão para este capítulo, gostaríamos de sair das definições clássicas do conceito segundo a qual a migração é um deslocamento físico de uma pessoa ou um grupo de pessoas para focar-se na definição de Sayad na qual a migração é um “fato social total” (SAYAD, 1998). Neste se encontram vários aspectos como: o social, o econômico, a psique, a religiosidade entre outros elementos. Assim, o fenômeno não pode ser definido só a partir das questões demográficas e geográficas, mas também implica muitas outras disciplinas humanas e sociais.

Notamos que Abdelmalek Sayad (1998) para definir o fenômeno da imigração empresta o “fato social total” um conceito clássico do antropólogo funcionalista francês, Marcel Mauss (2003). No texto “Ensaio sobre a dádiva” ele revelou o caráter complexo das trocas (o que ele chama de prestação total) e as dimensões simbólicas das coisas (Mauss, 2003), pois, nesta perspectiva, entendemos que a imigração haitiana no Brasil se encaixa dentro deste conceito, ela é uma imigração que implica diferentes esferas como a economia; a linguística; a religião; a psicologia; o jurídico. Assim ela é uma migração com uma dimensão simbólica. Para parafrasear Sayad, imigração e a emigração é uma peça de duas facetas: o que é imigração para tal lugar e tal sociedade é emigração para outra sociedade (SAYAD, 1998). As duas coisas funcionam ao mesmo tempo, de outra maneira podemos dizer que a realidade cria sua própria contradição. Assim, a

migração implica um duplo movimento. Nesta perspectiva, no próximo capítulo pretendemos dar uma olhada específica sobre a imigração haitiana em Caçador-SC a partir de uma perspectiva autoetnográfica e da etnografia.

3- DADOS DE CAMPO

3-1. TEORIAS AUTO-ETNOGRÁFICA E ETNOGRÁFICA

Neste presente capítulo, eu gostaria de apresentar um conjunto de dados coletados a partir de trabalho de campo realizado. De um lado tem uma parte que é uma autoetnografia, e da outra parte um trabalho de etnografia realizado durante as visitas na cidade. De uma certa forma esses dois métodos ajudam um ao outro na produção de raciocínios sobre o migrante haitiano na cidade de Caçador-SC. A auto-etnografia, como nos indica Irma McClaurin (2021), constitui uma base para a entrada no campo da etnografia, pois ela é um repositório de memória. Em relação à auto-etnografia não tem muitos autores que teorizam sobre, porém as poucas coisas que eu encontrei me ajudaram a entender que a auto-etnografia é importante na criação do laço entre o “Eu” reflexivo e a comunidade de pertença. De acordo com McClaurin, a auto-etnografia pode ser vista como um conhecimento etnográfico para montar um retrato incluindo memórias pessoais e descrições culturais gerais (MCCLAURI, 2021). Então, é um convite a uma reflexão sobre si mesmo e seus semelhantes. Além das reflexões da poeta e antropóloga norte-americana McClaurin, outros autores desenvolvem seus trabalhos a partir das experiências próprias. Michel Rolph Trouillot (2017) no prefácio de seu livro *“Silenciando el pasado: el poder y la producción de la historia”* explica como suas experiências com seu âmbito social foram importantes para a produção do livro, pois ele sublinhou como sua relação com a história era de longa data a partir do capital cultural legado por seu redor.

Neste sentido este trabalho se inscreve na dinâmica para retratar esta memória pessoal ao mesmo tempo que é uma reflexão geral da vivência de outras pessoas. Importante trazer aqui a ideia de que a auto-etnografia é uma reflexão sobre si mesmo e sobre todas as pessoas que compartilham a mesma história de vivência. Nesta perspectiva, a professora e antropóloga brasileira Luciana de Oliveira Dias (2019) fala sobre sua trajetória pessoal a fim de assumir sua autoria sobre si mesma. Que a partir disso olha as outras pessoas que têm sua aparência assim ela trouxe a ideia do “eu hegemônico” (DIAS, 2019). De seu lado a doutora em ciências sociais Camila Daniel (2019), no seu artigo intitulado: *“Morena”: a epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo*, trouxe para nós um elemento a mais na questão da autoetnografia, baseando-se nas suas experiências pessoais enquanto antropóloga negra vítima de racismo enquanto estava realizando trabalho de etnografia. Apoiando-se sobre tal realidade para falar da questão da raça tanto para autodescrever quanto para denunciar o racismo. Pois, ela enfatiza sobre a epistemologia feminista

negra para repensar a antropologia em que historicamente predominada pelo homem branco (seja europeu ou norte-americano). Além de ser um método na antropologia, a auto-etnografia é também utilizada no campo da sociologia. De acordo com Silvio Matheus Alves Santos (2017), a auto-etnografia é um método qualitativo baseado na memória pessoal do autor ou pesquisador que utiliza sua própria experiência vivida como fonte para descrever a mesma realidade de discriminação e desigualdade racial no ambiente de trabalho.

Trouxe esses trechos de diferentes autores que recorrem à auto-etnografia como método para fazer a antropologia na perspectiva de entender a necessidade deste trabalho de combinar o sujeito e o objeto de estudo, não como dois elementos que se opõem, mas que podem se ajudar um ao outro. Pensando em todas as diferenças de experiências e as diferenças que existem entre as pessoas, recorri também à etnografia que é um método mais complexo e que permite acessar mais informações possíveis.

Como sublinhou um dos clássicos da antropologia, Malinowski (1978) o método mais eficaz para entender a vivência de um povo ou de uma comunidade é a etnografia e, o antropólogo tem como papel se aproximar e mergulhar na realidade daquela comunidade. Daí, a necessidade de uma observação direta. Para parafrasear o precursor da etnografia, um trabalho etnográfico só terá valor científico incontestável se nos permitir diferenciar, de uma parte, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas, e da outra parte, as conclusões, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica (MALINOWSKI, 1978).

Neste sentido, o trabalho de campo é um trabalho totalizante. Porque, o antropólogo necessita fazer um duplo esforço, de um lado, ele tem que ser um observador em boa relação com a comunidade estudada e de outro lado ele tem que fazer o exercício de pensar sobre esta comunidade. Como enfatiza o antropólogo interpretativista, Clifford Geertz, em campo o antropólogo tem que viver e pensar no mesmo tempo (GEERTZ, 2001). Assim, entendemos este duplo esforço, como: observar meticulosamente os fatos e interpretá-los no mesmo espaço-temporal.

Desta mesma ordem, o antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira (2006), destacou três dimensões no trabalho de campo: o olhar, o ouvir e o escrever para a elaboração do conhecimento próprio nas disciplinas sociais especificamente na antropologia.

Para ele, a primeira experiência do pesquisador de campo é a domesticação teórica de seu olhar. Então, quando o autor está falando de “olhar” não é qualquer coisa, mas sim um olhar

etnográfico, sensibilizado a partir da teoria disponível (OLIVEIRA, 2006). Isso quer dizer que de uma certa forma, o antropólogo de campo tem que pensar sua observação do grupo social estudado segundo pré-requisitos teóricos. Assim, é necessário pensar no que olhar, como olhar e porquê olhar. Deve ser um trabalho minucioso para reparar qualquer detalhe importante, ou seja, qualquer elemento simbólico que possa definir este sujeito social estudado.

Da mesma forma que o “olhar etnográfico” é importante no trabalho de campo, o ouvir também é necessário para alcançar o que o olhar não pode enxergar. De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (2006), ambos servem como duas muletas para o pesquisador. Então, além de olhar, o pesquisador necessita acompanhar pelo seu ouvir. Neste contexto, ele necessita de criar um campo de interação para ouvir seus informantes. Este campo de interação deve ser um espaço de diálogo entre “iguais”, onde tem que ter a criação de um espaço semântico compartilhado entre o pesquisador e o pesquisado na qual teria uma fusão de horizontes”. Tal interação levaria a o que os antropólogos chamam de “observação participante”.

Nesta perspectiva, meticulosamente, queria entender a realidade da comunidade haitiana em Caçador-SC. Por isso, durante minhas estadias na cidade de Caçador-SC, anotei cada detalhe observado ou ouvido, cuidadosamente para uma interpretação certa da realidade. Nesta ideia, neste capítulo descrevi a realidade observada detalhadamente para depois poder analisar.

3.2. A CIDADE E SUA HISTÓRIA

Da mesma forma que as outras cidades no Estado Santa Catarina, Caçador é uma onde a presença do haitiano não passa despercebida. Lembro-me a primeira vez que cheguei nesta cidade, há três anos, não era na época um estudante de antropologia, mas perguntei-me sobre tudo que aconteceu à minha frente como se eu já fosse um antropólogo em um trabalho de campo, sobretudo na comunidade haitiana.

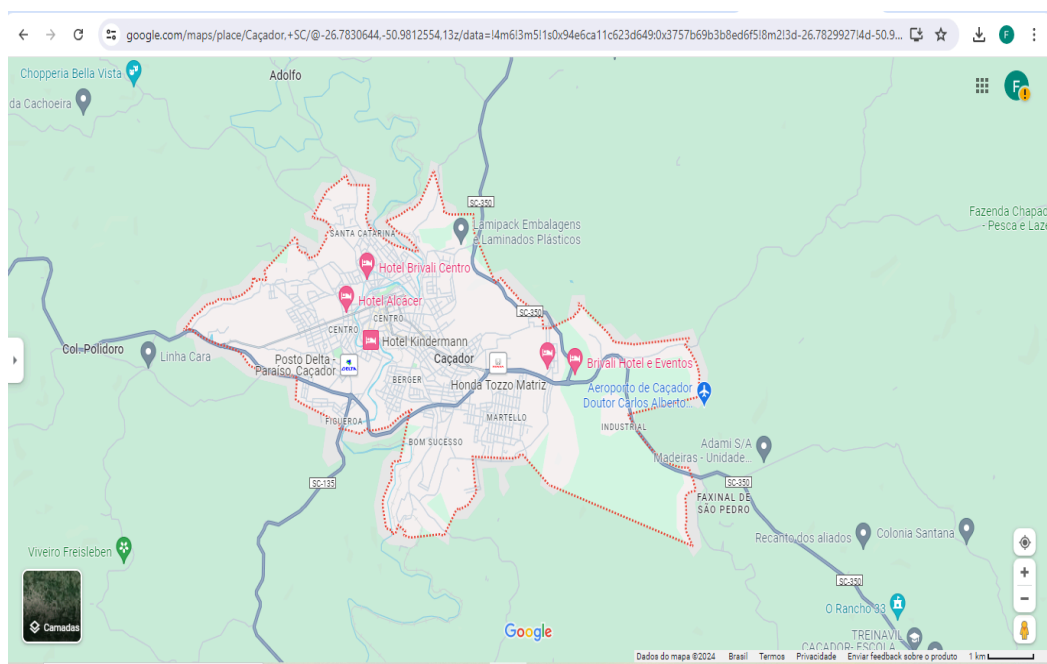
Então, comparativamente às grandes cidades do Brasil, Caçador é uma pequena cidade do interior de Santa Catarina-SC pouco conhecida por muitas pessoas. Porém, o que me deixou surpreso foi o fato de encontrar tantos compatriotas morando neste lugar. Então, a partir do tempo que eu passei lá, vi a necessidade de prestar atenção de maneira especial a esta população

migrante cujo eu fui integrante. Antes de focar nesta população migrante gostaria de apresentar um pouco a cidade e sua história antes da presença dos migrantes haitianos.

Caçador é uma cidade na região do Alto Vale do Rio do Peixe em Santa Catarina, com uma superfície de 983,424 km² e de uma população de 73.720 habitantes, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE para o ano 2022). Foi criado oficialmente como município em 1934 com o Decreto Estadual nº 508, que cria o Município Caçador e o território constituído dos distritos: Santelmo, Taquara Verde e parte de São João dos Pobres. Historicamente os primeiros habitantes desta região depois dos indígenas, eram os caboclos da miscigenação de portugueses e espanhóis com os nativos Kaingang e Xokleng.

De acordo com os dados de 2020, a cidade tem um PIB de R\$3.687.373.403,6 (IBGE/2020). Os principais setores de atividade econômica são a produção de madeira; agricultura de tomate e de uva; e a produção de couro. No percurso da sua história, a cidade foi uma das potências no Brasil na indústria de madeira, sobretudo no pinhão ela era a maior cidade nesta produção de toda a América do Sul. Foi considerada como a capital do Brasil na questão de madeira nos anos 1940, de acordo com as informações coletadas no site da prefeitura (2024). De fato, como a cidade avança do ponto de vista industrial, ela é uma das cidades atraente em Santa Catarina para o trabalho. É neste contexto que ela é sujeita à presença de muitos migrantes como venezuelanos; cubanos; haitianos entre outros.

Mapa da Cidade de Caçador – SC - 2024



Fonte: imagem do google maps

3.3. OS HAITIANOS EM CAÇADOR

De uma certa forma, não dá para confirmar exatamente o ano da chegada dos primeiros haitianos na cidade, porém o ano 2015 parece ser muito importante, pois segundo alguns informantes e também de acordo com os dados oficiais dá para ver que o ano foi marcante para a presença da comunidade haitiana na cidade. Neste ano, o campus do Instituto Federal de Santa Catarina IFSC, em Caçador, realizou atividades culturais com a presença dos haitianos na cidade e ofereceu um curso de português neste mesmo período para estrangeiros, onde muitos haitianos participaram.

3.3.1. AUTOETNOGRAFIA

Meu primeiro contato com a cidade foi no período da pandemia COVID-2019, cheguei lá no fim de janeiro de 2021. Recém-chegado, não tinha noção do que é o Brasil, o que significa ser trabalhador e estrangeiro no Brasil, e tampouco, tinha alguma ideia sobre as teorias vinculadas às temáticas da migração. Ainda não atuava como antropólogo pensando nas questões étnico-raciais, porém, minhas primeiras observações começaram neste mesmo tempo.

Eu nunca esqueci aquele dia em que eu cheguei em Caçador, foi muito relevante. Passei o ano de 2020 na Venezuela, até que aterrissei em Boa Vista- capital do estado Roraima (RR) em dezembro deste mesmo ano. Depois de um mês lá, sai no fim de janeiro de 2021 para me render em Caçador o único lugar no Sul do Brasil que eu tinha um contato, porque não conhecia ninguém além de um amigo da minha infância. Peguei um ônibus de Boavista-RR até Manaus Capital do estado Amazonas (AM), onde tinha um voo para Navegantes-SC, de lá peguei um táxi até a rodoviária de Itajaí-SC. Cheguei tarde neste lugar pois o único ônibus que fazia esta linha já havia ido embora, tinha que esperar na cidade até o dia seguinte. Sai da rodoviária às nove horas da noite para chegar em Caçador às quatro horas da manhã.

Ao longo do caminho fiquei me comunicando com meu amigo. Mas, em algum momento ele não estava online, eu fiquei confuso e um pouco estressado, porque não conhecia nenhuma outra pessoa e não falava português ainda, apenas um espanhol não fluente como um *hispano hablante* de verdade. Não sabia como falar com ninguém o que estava acontecendo. Só que no último momento, quando chegou o ônibus na cidade, lembro-me que o motorista falou “Caçador”. Descendo do ônibus olhando nos quatro pontos cardeais para ver se tinha alguém que pudesse me atender e foi neste exato momento que eu ouvi uma voz falando em crioulo haitiano, aproximei-me da pessoa e falei: “*bonjou! ou se ayisyen?*” (bom dia! Você é haitiano?). Foi um senhor, ele me respondeu que sim, ele era haitiano. Por coincidência nós estivemos no mesmo ônibus, mas como eu subi de noite não percebi.

Então, nos apresentamos e eu contei para ele minha situação de recém-chegado (*dyòskòm ou Kongo*) e que havia perdido o contato de quem deveria me receber! Com surpresa ele também não morava na cidade, saiu de Curitiba, Paraná, onde trabalhou por um período de dois anos. Ele me contou que foi para Caçador para conseguir um emprego melhor. E assim, ele me falou que também estava esperando uma pessoa que deveria lhe buscar. Perguntei se sua pessoa poderia me ajudar, me levar a algum lugar para que eu pudesse retomar a conexão com meu amigo e ele falou quealaria com ela sobre minha situação.

Assim, quando seus amigos chegaram num carro, ele falou com eles e eles comigo. Contei de novo minha situação, eles me falaram que iriam me ajudar. Porque, antes de tudo “*ou se ayisyen, nou se frè se devwa nou pou nou ede w*” - você é haitiano, somos irmãos e é nosso dever te ajudar (tradução literal). Nas palavras deles, fiz uma das primeiras observações, eu vi a existência de solidariedade entre os haitianos, um senso de fraternidade.

Depois disso, mostrei uma foto do meu amigo, um deles falou *“a! mwen konn misye!”* (ah! eu conheço este rapaz). E continuou dizendo que ele mora em tal bairro e que deveria estar no trabalho naquela hora. Pois, seu trabalho começava às três horas da manhã, ele trabalha lá em tal empresa. Daí, me falou: *“ebyen tout bagay oke, ou pa bezwen pè ou lakay ou, n ap mete w yon kote kou misye sot travay l ap pase pran w paske n ap gentan kwaze ak li pou di l ou la”* (Então, está tudo bem, não precisa ficar inquieto você está em casa, vamos te levar para um lugar e quando ele sair de trabalho ele vai te buscar, pois vamos encontrar ele primeiro nos falará com ele).

Ligaram para um outro amigo deles para me receber por um tempo, porque tinha mais espaço na sua casa. Cheguei às cinco horas da manhã. Na casa moravam vários amigos juntos, alguns deles são da mesma região, no Haiti, de Artibonite, sobretudo. Conheci cada um, conversamos durante um bom tempo, foi como se nos conhecêssemos há muitos anos. Depois, fui descansar um pouco, na cama fiquei repassando o percurso da viagem, pensando num monte de coisa. Uma outra observação que fiz no período é sobre a língua, falando comigo mesmo, sobre o crioulo que cria uma conexão real e natural entre os haitianos pois é uma língua que representa um elemento de identificação, de acolhimento e de pertencimento. Pensando no cara do ônibus, se ele não tivesse falado em crioulo não ia saber se tinha um haitiano no espaço.

Depois de acordar, continuamos conversando com mais tranquilidade. Um deles me perguntou se já tinha CPF (Cadastro de pessoas físicas). E continuou sua fala *“ou rive bon lè wi frè, nan moman an y ap pran moun nan travay mwen an, si ou gen cpf w ap ka tou koumanse travay nan jou sa yo”* (Você chega num bom momento meu irmão, estão contratando pessoas no meu trabalho, se você tiver CPF já pode começar trabalhar nestes dias).

O dia passou e eu continuei conversando sobre tudo, com quem tinha ficado em casa até meu amigo chegar. Era entre 15:00 e 16:00 horas. Foi algo emocionante pois não nos víamos durante muito tempo, porque ele deixou o bairro onde o conheci, há mais de 15 anos. Retomamos contato a partir da rede social Facebook, foi nesta plataforma que eu o vi quando ele publicou algo em português. Ainda morava na Venezuela e tinha a ideia de entrar no Brasil, por isso comecei a ouvir músicas brasileiras, ler sem conseguir aprender direito o português, pois o tempo era pouco para isso. Foi assim, que eu reconheci as suas publicações e aproveitei para perguntar se ele morava no Brasil. Foi neste contexto que ele era meu único conhecido do país.

Os dias foram passando, enquanto eu fui me regularizando no país. Efetivamente, consegui um emprego de carteira assinada na empresa que o amigo me falou. Era a VIPOSA S.A, uma

empresa que atuava na produção de couro. Diferente da maioria das outras empresas que trabalham na produção de madeira, onde também muitos haitianos trabalhavam na época. É neste lugar que minhas observações mais relevantes começaram, como migrante e trabalhador de fábrica. Daí, comecei a me questionar sobre o que significa ser haitiano e haitiana fora da sua terra natal. Qual relação se desenvolve com o espaço onde se está morando? Qual é sua relação com seu país? Como está se relacionando com o povo acolhedor e entre eles mesmos? Várias perguntas ligadas às observações feitas sobre o comportamento coletivo e individual dos haitianos. São essas preocupações que de uma certa forma, servem como uma base justificativa, para este trabalho sobre o processo de integração dos haitianos na cidade do Caçador.

De março de 2021 até o mês de outubro de 2021, minha rotina não mudou. Diariamente acordava cedo, tipo 4:00 ou 5:00 horas da manhã para ir trabalhar, um trabalho que começa às 7:00 horas da manhã, com um intervalo das 11:48 horas até 13:30 e das 13:30 até 17:30. Mais de 12:00 horas dedicadas ao trabalho de segunda feira até sexta feira, com mais de nove horas de trabalho extra no sábado, nos períodos de maior demanda de trabalho.

Trabalhei no setor como auxiliar de fábrica, junto com diferentes outros compatriotas. Trabalhei numa máquina (vácuo), com sete outras pessoas, das quais dois brasileiros, um era operador desta máquina e o outro era auxiliar como nós, ao todo éramos seis haitianos. Entre nós havia uma boa relação amigável, baseada na solidariedade entre irmãos da mesma terra. Nosso tempo de trabalho era sempre um tempo de compartilhamento de nossas nostalgias vinculadas a nossas atividades antes de vir morar no Brasil. Nosso lugar de trabalho sempre foi, um espaço de troca de conhecimento e de vivência da nossa cultura através das canções. Lembro-me que um dos rapazes conhecido mais como *Dekoke*, era nosso *SAMBA*¹ no vácuo. Ele não passava um dia sem cantar para nós todas as músicas da tradição Vodou que ele conhecia. Muitas vezes cantávamos com ele, no caso das músicas que conhecíamos. Quando ele não cantava, nós perguntávamos a ele o que estava acontecendo, pois, para nós qualquer coisa poderia estar trazendo para infelicidade. Considerando que o rapaz sempre estava feliz, quando ele estava cantando no espaço do trabalho e que também era uma pessoa que gostava de brincar.

Outra coisa que me chamou atenção em relação ao espaço do trabalho, é o período do intervalo. Quem mora longe leva sua refeição para se alimentar no refeitório da empresa e quem mora perto sempre vai para sua casa no horário do almoço. Após a refeição sempre ficava na praça Henrique Júlio Berger que fica na frente da empresa que os haitianos a chamam "*plas viposa*", para

¹ Nome dado ao cantor do gênero musical "Mizik Rasin" (música raiz) no Haiti.

observar o vai e vem de todas as pessoas. A cada cantinho tinha um grupinho de haitianos conversando entre eles, tanto mulheres como homens. É muito raro ver um haitiano conversando com outras pessoas de outras nações. As redes de relações são sempre entre eles mesmos. De fato, essas relações sociais não se definem a partir de critérios religiosos ou familiares somente, mas de setor de trabalho, de laços de amizade; de cidade ou região de origem das pessoas etc. Eu posso definir isso como um tipo de afinidade sangue compatriota, ou seja, podemos dizer que esta afinidade se encaixa no que Mbembe (2021) chama de corpo-fronteira. Pois, o fato de ser haitiano e que fala o mesmo idioma já é suficiente para criar um laço social entre si.

Assim, as conversas são sempre feitas em crioulo. Como mencionei nas linhas anteriores, o crioulo é a língua que define o haitiano e a haitiana em qualquer lugar que esteja. O idioma de conversa entre si é sempre o crioulo.

Muitos deles, para não dizer a maioria dos haitianos, no trabalho nesta época, não falavam português. Dentro do trabalho, muitas vezes são outros colegas haitianos que faziam a intermediação entre os chefes e os haitianos. Neste contexto, uma vez perguntei a um chefe porque a empresa não contratava um haitiano como intérprete, ele respondeu que ninguém que tinha apresentado um certificado de proficiência em português, uma questão de burocracia que talvez crie possibilidade de exploração da capacidade de um trabalho. Neste caso parece absurdo, porque a cada vez que os chefes precisavam conversar com um haitiano que não fala português sempre utilizavam outro para traduzir. Também, quando um haitiano, precisava conversar com um chefe ou o diretor sempre procurava ajuda de um outro haitiano que domina o português. Isso, não é só no caso do trabalho, mas também, quando precisava fazer outra coisa, neste caso, é necessário a solidariedade de alguém que falasse português para ajudar.

No entanto, esta questão da língua era complexa, algumas pessoas achavam que a língua lusófona era difícil, que não conseguiriam aprender, muitas outras também falaram que não estavam aqui para aprender a língua e que só o trabalho era de seu interesse. Embora, aquelas que falam, são pessoas que têm interesse em outras coisas também além do trabalho. No caso de um casal que conheci, a mulher era enfermeira no Haiti e seu marido advogado. O marido fala português, a mulher tinha interesse em aprender porque queria se integrar à sociedade e trabalhar na sua área ao invés de trabalhar como simples auxiliar de produção.

O dia a dia do trabalho era sempre assim. Quase todos se conhecem, mesmo que não desenvolvam uma relação de amizade, entre os haitianos havia esta rede de relação muitas vezes

baseada na lógica de um cuidar do outro. Pois, é uma forma de criar uma “nova família” fora do país de origem, Haiti. Muitos deles deixaram sua família lá e trabalham para ajudar, através de remessas financeiras.

Na cidade havia vários haitianos que prestavam serviço a outros em diferentes assuntos, no caso da regularização de documentos, fazer uma transferência para o Haiti, por exemplo. No contexto da regularização de documentos, a polícia federal que atende os migrantes moradores de Caçador é aquela que fica em Lages-SC, a pouco mais de 180 km de distância. Assim, é todo um serviço completo, ajuda no agendamento da pessoa e a leva até a polícia federal.

Então, muitas coisas me chamam atenção na cidade, é neste contexto que queria trabalhar com essa comunidade haitiana para trazer uma compreensão sobre sua integração. Por isso, do meu ponto de vista a auto-etnografia representa só uma etapa na pesquisa. Assim, abre também uma porta para o trabalho de observação direta, de fato muitas mudanças aconteceram no intervalo de tempo de 2021 a 2024, então recorro à etnografia.

3.4. ETNOGRAFIA

Durante o tempo da construção do meu projeto de pesquisa fiquei me perguntando: será que vai ser possível realizar este trabalho? Este questionamento tem sua raiz no fato de que todos os haitianos que conhecia e que eram meus amigos no tempo em que morava na cidade já foram embora (para outros países e outras cidades do Brasil). Então eu fiquei com a preocupação de não achar ninguém com quem eu pudesse contar. Porém, como “cabeça dura” não queria desistir do projeto. Pois, a vontade de projetar a luz sobre a comunidade haitiana em Caçador-SC é meu foco.

Neste contexto, contatei várias pessoas para saber a possibilidade da realização do trabalho. Assim, lembro da família brasileira que sempre me convida para voltar na cidade para visitar quando eu puder. Então, falei para um amigo da família, e ele me falou que eu podia ir e a família iria me acolher. Felizmente, é um amigo que tem contacto com muitos haitianos na cidade desde o período que eu morava lá até hoje. Assim, posso dizer que o laço já havia sido feito para minhas visitas de campo.

Em 13 de junho de 2024 fiz minha primeira viagem de campo. Sai de Foz do Iguaçu-PR na noite de 13 de junho para chegar em Caçador-SC na manhã do dia seguinte. Naquela noite fiquei

duas horas esperando o ônibus que saia de Assunção, Capital do Paraguai passa por Foz-do-Iguaçu-PR e segue para Florianópolis-SC, esta linha passa em Caçador. Finalmente, sai da Rodoviária internacional Foz do Iguaçu, entre 20:00 horas e 21:00 horas, passei por Cascavel, o ônibus parou durante um bom tempo para a inspeção da Receita Federal, devido a linha. A polícia teve que inspecionar todas as mercadorias saindo do Paraguai e cada pessoa teve que ser revistada também. Por esta razão acabamos demorando mais tempo do que previsto. Por fim, cheguei em Caçador às 10:00 da manhã no dia 14 de junho.

O fato de que eu não tive contato com os haitianos que moram na cidade, decidi sair da rodoviária a pé até a casa do meu amigo que também não morava longe (cerca de 20 minutos a pé). Andando, vi o primeiro haitiano que estava andando depressa do lado oposto da rua onde eu estava, só com uma saudação de longe e continuamos nossos caminhos. Cheguei na casa do meu amigo, tomei banho e sai logo para encontrar as pessoas mais próximas.

De acordo com a minha intenção, fui lá na praça do Berger, comumente chamada praça da Viposa pelos haitianos. Esta fica perto da casa onde eu fui acolhido. Indo lá, no caminho encontrei um haitiano que trabalha na Viposa a gente se saudou, trocamos palavras, ele me contou que é novo na cidade, só tinha seis meses de estadia. Perguntei sobre um conhecido que trabalha na mesma empresa falou que não conhece, porém não negou que pode estar na praça. Me aconselhou a ir lá para encontrar as pessoas que talvez estivessem.

Efetivamente fui lá na praça, encontrei duas mulheres trabalhadoras da empresa Viposa, me aproximei e falei com elas. Uma já me conhecia. ela falou *“o rasta apa ou te nan vil la! m pa wè w lontan sa m panse se wout la ou te pran wi* (Oh Rasta você estava na cidade! eu não te vejo faz muito tempo pensei que tinha indo embora para os Estados Unidos)”. É verdade, nós não éramos amigos, mas ela me acolheu como se fosse. Conversei com ela e sua amiga. Perguntei porque pensou que eu não estaria no Brasil, e respondeu que a realidade é que todo mundo foi embora para outro lugar procurando o melhor. *“Tout moun yo fin ale, al chèche sa ki bon, kote ki gen lajan”*. E sua amiga continua para dizer que *“Yo panse yo pral tonbe yon kote y ap ka fè plis lajan, men se pa pi bon pase sa se menm modèl travay bout di yo, mwen m pa p fè yon pa* (eles pensam que vão chegar num lugar onde eles vão ganhar mais dinheiro, mas não é melhor do que isso é o mesmo tipo de trabalho duro, eu vou ficar aqui)”. Na realidade, não foi um diálogo, mas um momento de discussões, de compartilhamento de experiência entre nós.

No momento, estava observando na praça, tinha muitos outros haitianos desconhecidos, ficam em grupinhos, alguns sozinhos. Perguntei, para elas sobre essas pessoas, se são novas na cidade ou na empresa, responderam que acabaram de chegar na cidade. No caso das mulheres, elas falaram que algumas delas já tinham seus maridos na cidade, e algumas outras porque tinham parentes ou amigos (as), os homens também quase a mesma situação.

Falei que eu entendia e que tem muitas idas e vindas de pessoas na cidade e vocês há tempo estavam por aqui, por que vocês não querem ir embora? por que não faz igual com as outras pessoas? me responderam: *“moun ki pran wout la se moun ki gen lajan, moun ki pa gen gwo responsablite. Nou menm nou pa gen lajan, ti sa nou fè a se pou nou jere pitit nou ak fanmi nou ki Ayiti ak borisit la* (aquelas pessoas que fazem o caminho é quem tem dinheiro e que não tem muitas responsabilidades”. Nós não temos dinheiro, o pouco que a gente ganha é para cuidar da nossa família que está no Haiti e aqui). Uma delas tem uma filha no Haiti, uma com ela junto com seu marido. A outra está com seu marido e sua família na cidade, porém falou sobre sua responsabilidade de cuidar de sua família de lá, não iria gastar dinheiro e arriscar sua vida para ir em outro lugar.

Perguntei a elas sobre a sua relação com a língua portuguesa. As duas responderam que elas falam pouca coisa. Mas, acrescentavam que estariam numa situação para se defender, elas podiam. Com quatro anos no país elas acham que a língua é difícil e que como mulher não é tão fácil para elas. Por causa do tempo, falaram que passariam a semana inteira no trabalho e no fim da semana elas tinham que cuidar das atividades da casa.

Além, da praça do Berger para encontrar os haitianos trabalhadores da “VIPOSA”, existem alguns outros lugares bem específicos para encontrar as pessoas. Os haitianos, criaram seu espaço simbólico no caso do local chamado de “*Kafou Ayisyen*” (cruzada haitiana), os haitianos nomeiam o espaço assim, porque desde os primeiros chegados, este lugar era onde muitos deles moravam. É um lugar onde, nos fins de semana, algumas pessoas se encontram para se divertir entre eles, jogando dominó e tomando cerveja entre amigos. É difícil passar no lugar no fim de semana e não encontrar um grupinho haitiano compartilhando ideias.

Encontrei um casal que morava na cidade desde 2015, a mulher me contou que quando ela chegou era um pouco difícil encontrar trabalho. Uma vez tinha um supermercado que estava contratando pessoas, mas não a contratou. Segundo sua explicação é porque ela era estrangeira e negra ao mesmo tempo (seu entendimento do ato). Sua fala confirma a situação descrita por Lilia

Caplin (2018), em relação às mulheres haitianas em Caçador-SC que no início foram privadas de trabalho. E uma das explicações a esta discriminação de gênero é a questão linguística, pois as mulheres não falavam o português (CAPLIN, 2018). Segundo alguns informantes, para remediar este problema, os homens haitianos em algumas empresas, ameaçaram de abandonar as empresas se não quisessem empregar as mulheres.

Portanto, em relação à questão linguística, uma das pessoas entrevistadas contou que se dedicou a aprender a língua portuguesa no curso que disponibilizou o IFSC, logo depois de sua chegada em Caçador. Completou dizendo que estudou com os testemunhas de Jeová mesmo não sendo da religião.

Se no caso essa pessoa teve a vontade de aprender a língua, muitas outras não têm isso como objetivo. O único interesse para muitos é o trabalho. Encontrei dois homens, um que tem 4 anos no país e o outro 5, me contaram que falam pouco o português, porque isso não é sua prioridade, “o importante é trabalhar”.

Nesta mesma ordem, durante minha segunda viagem de campo entre os dias de 8 a 13 de agosto de 2024, eu visitei uma assembleia haitiana em uma igreja adventista de sétimo dia. O culto se realiza em crioulo haitiano. No dia de sábado, 10 de agosto de 2024, fui para esta Igreja no objetivo de observar a realidade dos cristãos haitianos em Caçador-SC. Cheguei na igreja por volta das 8:30 horas da manhã, fui um dos primeiros. Segundo um dos responsáveis, o culto geralmente começa às 9 horas para terminar por volta de 11:30 horas meio-dia. Porém, naquele dia desde as 8:30 às pessoas que estavam já começaram com os cantos, alguns em crioulo, mas a maioria dos cantos eram em francês, assim como a bíblia usada para fazer as leituras dos versos sejam de uma versão da língua francesa.

Às 9:00 horas começou o culto normalmente, o corpo pastoral se instala-se no púlpito e começaram com as sessões de reza e leitura de passagens bíblicas. Nesta etapa o espaço vira um espaço bilíngue entre crioulo e francês, nada de português. As leituras se fazem em francês e as rezas e a pregação em crioulo.

O culto se divide em diferentes etapas, no começo eram os cantos que ficavam ao longo do culto, em seguida pregação. Após, alguém do corpo dirigente tomar um tempo para comunicar as atividades da próxima semana, incluindo um relato sobre a semana que trata sobre o avanço dos membros da assembleia nas leituras de texto sagrado e as evangelizações que eles fizeram durante a semana. E em último lugar veio a sessão de “*lekòl Sabá*” (escola de Sabbat), que é um espaço onde

um dos membros do corpo pastoral fala sobre um assunto e depois deixa um tempo para interação da assembleia (entre comentários, perguntas etc.). Isto é, um momento na qual a assembleia debate sobre uma passagem bíblica.

Uma das observações importantes é a composição da assembleia, que teve cerca de 25 pessoas repartidas entre crianças, bebês e adultos. É um conjunto de famílias que se reúne para manter suas práticas religiosas que eles praticavam desde o país de origem.

Da mesma forma que os fiéis adventistas se organizam para a continuação da vivência religiosa na cidade, os protestantes (pentecostais) se organizam também. Os haitianos têm uma igreja pentecostal onde todos os domingos de manhã, das 8:00 horas até 11:00 horas, e na tarde as 16:00 horas, eles fazem seus cultos. Na verdade, não tem grandes diferenças entre eles e os adventistas, a não ser o dia de adoração e as diferenças fundamentais dessas duas igrejas. Mas, no curto tempo que visitei a igreja pentecostal, o culto se organizou em crioulo e em francês. Francês nos cantos e as leituras, mas a pregação em crioulo. No domingo, 11 de agosto de 2024, fui visitar a igreja. Cheguei lá com ajuda de uma fiel da igreja, que me indicou as informações. Era 9:00 horas da manhã, consegui assistir uma boa parte do culto onde observei o funcionamento da assembleia em relação ao idioma.

3.4.1. OS HAITIANOS NÃO RELIGIOSOS DA CIDADE

Desde a primeira visita na cidade, encontrei um informante que me indicou onde encontrar os haitianos nos fins de semana. Há alguns bares na cidade que os haitianos frequentam muito nas sextas e aos sábados. O meu interlocutor falou que se você quer encontrar os haitianos tem que conhecer estes lugares, primeiro tem o denominado “*Bar bò ponp*” (Bar cerca do posto de gasolina) e o “*Bar bò Emile*” (Bar perto de Emile). Emile é um haitiano importante na comunidade, já está há muito tempo na cidade e ele também oferece alguns serviços aos haitianos. Ele é neste caso uma referência importante.

Efetivamente, fui visitar aqueles espaços, fiquei encantado ao encontrar alguns haitianos, todos de sexo masculino. Não fiquei conversando por muito tempo com eles. No entanto, como não conhecia as pessoas, falaram que durante o período de pagamento eles aproveitam o pouco que sobra depois de seus gastos obrigatórios. Afirmam que depois de tantos dias de trabalho precisam se divertir um pouco também. Um deles fala que muitas vezes prefere ficar em sua casa ou em casa de

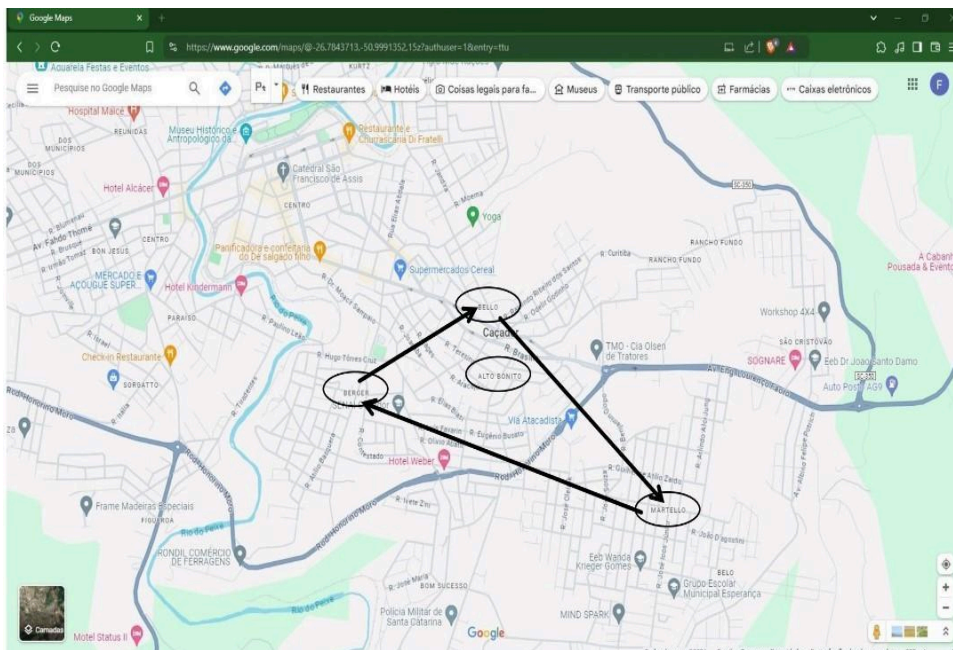
outros amigos nos fins de semanas, porque se sente mais confortável ao invés de ficar num lugar onde frequenta outras pessoas que não conhece. Além desses dois lugares tem um terceiro que o dono é um haitiano e que alguns haitianos gostam de ir lá também.

Fora disso, tem outros haitianos que fazem negócios na cidade. Encontrei com um haitiano que é dono de um aplicativo de corridas. Falou que o aplicativo é novo, mas está indo mais ou menos bem, já havia vários motoristas trabalhando com o aplicativo. Ele não reclama no caso. Entretanto, encontrei uma haitiana que tem uma loja que oferece um serviço múltiplo, vende roupas e faz transferência de dinheiro (remessa) entre outros. Ela me contou umas situações desconfortáveis. Por exemplo, por ser haitiana, algumas pessoas pensam que ela não pode ser dona da loja. Segundo ela, uma vez uma mulher brasileira ficou chocada quando soube que ela é a dona da loja onde trabalha. E contou que às vezes tem pessoas que entram na loja e vão embora ao ver que é uma mulher negra. Então, podemos entender esta situação como um choque para ela, e que talvez a sociedade já defina o lugar de estar da mulher haitiana. Se não for para trabalhar em empresas de outras pessoas, só podem ser donas de casa.

Neste trecho gostaria também de relatar que no começo, alguns haitianos estudavam na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP- Campus Caçador). Não tenho certeza se alguém conseguiu se formar, não tenho informação sobre isso. Pois, num dos encontros, uma mulher relata que estava estudando Administração, mas não conseguiu terminar por motivo da sua realidade como mãe de uma criança e que não tinha bolsa para poder continuar com o estudo.

Para realizar este trabalho de campo, peguei três bairros como alvo. Repartindo em lugar de trabalho, de moradias das pessoas, espaço de divertimento e de práticas religiosas. Isso quer dizer, a seleção é feita na lógica de pegar os espaços mais simbólicos da população haitiana em Caçador como principais alvos. Os quatro bairros são: Berger, Bello, Martello e Alto Bonito. Estes são bairros de vizinhança como podemos observar no mapa.

Localização dos Bairros Berger, Bello, Martello e Alto Bonito – Caçador – SC – Ano 2024



Fonte: Google Maps, 2024.

Entre esses quatro bairros, fiquei hospedado na região de Alto Bonito. É um espaço chave para a presença dos haitianos, um dos bairros importantes na concentração dos migrantes haitianos na cidade. A família que me recebeu tem uma boa relação com a comunidade haitiana. É uma realidade que me ajuda no trabalho, no sentido que a cada momento que um haitiano passa no lugar eu tenho mais ou menos um mínimo contacto e conversa, pois a família sempre me apresenta para qualquer um que passa na rua. Mesmo que eu esteja dentro de casa, eu posso saber se um haitiano está passando na rua, porque eu vou ouvir uma voz falando crioulo seja uma palavra de saudação ou de qualquer outra palavra de brincadeira com o dono da casa que aprende muitas coisas do crioulo com os haitianos que moram na vizinhança.

Enfatizei muito sobre a questão da língua neste trabalho porque ela representa um elemento primordial na definição da identidade haitiana. Pois, como sublinhou Michel Rolph Trouillot (1977), a língua crioula, o Vodou como religião e a terra (o espaço físico, o território) formam três elementos fundamentais na constituição do ser haitiano. Portanto, no contexto da migração, o espaço geográfico não está no debate, mas a religião e a língua podem ser importantes para entender o que é o haitiano. Assim, para saber se um haitiano ou uma haitiana está feliz ou não tem que observar seu comportamento linguístico. Isso quer dizer que é muito importante observar as primeiras expressões automáticas vinculadas a uma situação qualquer. A língua crioula é, de uma maneira, a expressão da realidade sócio-histórica e cultural do povo haitiano, e assim não pode

divorciar-se. Como destacou Claude Lévi-Strauss (1952), a linguagem pode ser tratada como produto de uma cultura: uma língua usada por uma sociedade reflete a cultura geral da população.

4. ANÁLISE

4.1. INTEGRAÇÃO EM DEBATE

Neste presente capítulo do trabalho gostaríamos de dar uma atenção especial à dinâmica da integração do ser haitiano em Caçador-SC. Antes de tudo, é importante destacar que há muitas definições sobre o próprio conceito de integração. Dependendo do autor, a integração pode ter uma aceitação diferente. De um lado a socióloga francesa Dominique Schnapper (1991), a integração se vê como os processos nos quais as populações, sejam migrantes ou não, adquirem as normas da sociedade em que vivem. Notamos que esta definição é de uma visão exclusivamente cultural, caracterizando-a como “um processo durante o qual os indivíduos adquirem, perdem, renovam, elaboram, interpretam e reinterpretem os elementos variados” (SCHNAPPER *apud*. ARTHUR, 2006, p.10). De outro, o professor e sociólogo francês Lapeyronnie Didier (1993), define a integração como resultante de múltiplas interações que ocorrem entre autores institucionais e não institucionais. Assim, a integração das categorias minorias-migrantes é o resultado de processos políticos e sociais, conflitos de orientação e compromisso (DIDIER, *apud*. ARTHUR, 2006).

As duas definições mencionadas, nos levam a entender que a noção de integração implica de uma vez as ações políticas das instituições, especificamente o Estado como ator social, e população. No contexto da migração, a integração implica em a interação entre a população local (como acolhedora) e os indivíduos em situação de mobilidade. Em alguns lugares a integração pode ser vista como um processo de assimilação cultural. Isso quer dizer que o sujeito migrante em alguns momentos pode abandonar a sua cultura de origem e assimila a o padrão cultural da sociedade acolhedora.

Como vimos na definição de Dominique Schnapper (1991), o fenômeno da migração há este caráter na qual o indivíduo tem que adquirir as normas da nova sociedade que ele migra. Desta mesma ordem Sabine Choquet destaca que a noção de integração nos anos 1980 na Europa se associa à questão de padrão, no sentido de que todas as medidas políticas adotadas em relação à imigração são convergentes e podem se fundir (CHOQUET, 2016). De fato, a definição dada por Dominique não é isolada de seu contexto.

Então, se nas sociedades europeias em alguns momentos, a integração pode ser confundida com a noção de assimilação cultural em outras sociedades pode ser diferente. Desta forma, a

pesquisadora e professora em antropologia Sabine Choquet (2016), esclarece sobre a sociedade canadense onde a integração não é sinônimo de assimilação ou perda de identidade:

Nas sociedades de imigração, por outro lado, a distinção entre integração e assimilação são muito mais claras. No Canadá, por exemplo, parece claro que “a integração (...) não implica, para o indivíduo a perda de sua identidade, de suas características primárias, da sua língua e cultura de origem” (Relatório da comissão investigação real sobre bilinguismo e biculturalismo, 1970, p. 5). O imigrante pode, portanto, preservar e manter a sua cultura original, sem que isso ponha em causa a sua plena e completa participação na empresa. A integração do imigrante será avaliada através de um conjunto de parâmetros ligados ao seu estatuto social, económico ou profissional, e não com referência ao seu grau de integração cultural. A diferença na interpretação do que significa “ser integrado” por a relação com um Estado-nação é explicada pela forma como a identidade coletiva é pensada (...) (CHOQUET, 2016, P.25).

Na mesma perspectiva, a Professora Natália Ramos destaca que a amplificação da globalização a grande escala migratória e da multiculturalidade leva as sociedades e as instâncias sociais a confrontações de heterogeneidade linguística e cultural dos atores sociais, os profissionais e os cidadãos. Por essas razões, é importante ter práticas, estratégias e políticas apropriadas para responder às necessidades daquela nova realidade social, educacional, cultural, comunicacional e política (RAMOS, 2009). Como já vimos nos capítulos anteriores o haitiano Brasil especificamente em Caçador, confronta essas realidades integracionistas. Do ponto de vista administrativo-jurídico com as diferentes leis os atores políticos se esforçam, em relação à migração haitiana em todo o Brasil, para que o haitiano tenha acesso à mínima documentação possível. No entanto, as dinâmicas sócio-históricas do país, talvez não sejam apropriadas para esta migração, pois a profundidade dos problemas étnico-raciais parece um dos maiores obstáculos para a inserção do haitiano, como vimos no capítulo do trabalho de campo, uma das pessoas encontradas se sente incomodada por algumas reações inadequadas. Nesta perspectiva gostaríamos retomar a ideia de Etienne Balibar de que todo racismo histórico é a um tempo institucional e sociológico (BALIBAR, 1988). Por esta razão, prestamos uma atenção com a realidade histórica da questão étnico-racial do Brasil.

4.2. AS DINÂMICAS ÉTNICO-RACIAIS E OS HAITIANOS EM CAÇADOR

Desta forma, é muito importante destacar que a inserção dos haitianos em Caçador não pode ser resumida com os esforços administrativos. Contudo, é fundamental olhar a sociedade brasileira nas suas relações sociais racializadas historicamente. Já destacamos, no primeiro capítulo, como o Estado brasileiro no fim do século XIX e começo do século XX priorizou a migração dos europeus a partir de uma política de branqueamento. Então, supostamente, os problemas étnico-raciais ficam como um legado para o Brasil especificamente na região, onde fica a cidade Caçador, Santa Catarina que é o estado brasileiro que possui a menor porcentagem de população negra e, assim

como outros estados do sul do Brasil, se orgulha de uma colonização germânica e italiana. Nesta mesma ideia, Pedro Henrique Conte Gil e Adolfo Pizzinato (2023) apontam que este legado dessas lógicas higienistas e europeizantes seguem produzindo efeitos na atualidade e de certa maneira irradiam sobre os haitianos:

(...) Em termos de Brasil, os processos de racialização são fundamentados em uma perspectiva de branqueamento da população (Bento,2002). A elite branca, ao propor a extinção da categoria não-branca, por meio da miscigenação das raças, implicou uma dificuldade importante não apenas nas violências perpetradas com a população não-branca, mas também no campo das ideias, no debate e discussão sobre a categoria branca e seus privilégios. O legado dessas lógicas higienistas e europeizantes segue produzindo efeitos na atualidade, como a experimentação do racismo nas relações entre brancos e não-brancos, a qual promove inúmeras disparidades políticas e sociais entre as pessoas com esses marcadores de diferença. Algo que, indireta ou diretamente, reverbera sob migrantes haitianos, uma vez que, mediante seu fenótipo caracteristicamente negro, também são racializados e considerados inferiores por seus marcadores sociais. Consequentemente, também são recebidos de maneiras diferentes pelos brasileiros em relação aos migrantes brancos não-racializados, como europeus e norte-americanos. (...) (HENRIQUE e PIZZINATO, 2023, P.167)

Este trecho nos ajuda a refletir um pouco sobre o próprio comportamento do haitiano que entre eles constroem redes de relações em vez de se relacionar com os outros membros da cidade. Seja no espaço de trabalho, eles criam seus grupos de amigos, na prática religiosa como já vimos no trabalho de campo eles formam suas próprias assembleias. Não é uma afirmação, talvez podemos perguntar se não é esta marca de racialização que provoca tal comportamento de não aproximação? Além desta questão, podemos pensar em outros aspectos. Apesar da marca de raça e linguística como elemento fundamental na integração, porque não há o espírito de corpo entre os cristãos brasileiros e haitianos? Fizemos essas perguntas porque vale a pena discutir cuidadosamente esta questão. Talvez, isso pode ser uma forma de proteger-se contra qualquer tipo de discriminação (linguística, religiosa entre outras).

Achamos muito importante trazer aqui uma pequena discussão sobre os próprios conceitos de raça e etnia. Eles representam duas categorias diferentes. Segundo Etienne Balibar (1988), o conceito de raça se relaciona com a divisão axial de trabalho na economia-mundo capitalista. Isso quer dizer a antinomia centro e periferia. Portanto, a etnia se relaciona com a criação das estruturas familiares que permitem que boa parte da força de trabalho se mantenha à margem da estrutura salarial na acumulação de capital (BALIBAR, 1988). O autor continua destacando que a divisão axial de trabalho na economia-mundo engendra uma divisão espacial de trabalho (*ibid.*). Podemos nos perguntar qual seria o lugar da noção de classe neste contexto de raça e de etnia? De acordo com Balibar, não há uma relação direta entre classe e as noções de etnia, raça e povo. Não obstante, entendemos que nas sociedades capitalistas onde as questões étnico-raciais estão no centro do

debate, a questão de classe sempre se vincula com. Porque, numa sociedade hierarquizada racialmente e etnicamente, a classe dominante se representa sempre por uma categoria racialmente ou etnicamente de pretensão de superioridade.

De acordo com Immanuel Wallerstein (1988), o racismo pode se relacionar com critérios genéticos como a cor da pele, pode ser também com critérios sociais, questões linguísticas, religiosas etc. Aliás, ele vai além disso. O medo e o desprezo pelo outro representam aspectos secundários, pois, a prática do racismo se define na economia mundial capitalista. O que parece uma contradição segundo o autor:

“O racismo não é apenas uma atitude de desprezo ou medo para com aqueles que pertencem a outros grupos definidos por critérios genéticos (como a cor da pele) ou por critérios sociais (filiação religiosa, padrões culturais, preferência linguística, etc.). Regra geral, embora inclua esse desprezo e medo, o racismo vai muito mais longe. O desprezo e o medo são aspectos muito secundários daquilo que define a prática do racismo na economia-mundo capitalista. Pode-se até afirmar que o desprezo e o medo dos outros (xenofobia) é um aspecto do racismo que representa uma contradição. (WALLERSTEIN, 1988, p.55)”

Então, o racismo não é algo fora das pautas no Brasil. É um debate que muitos intelectuais brasileiros não abandonaram, assim como o debate sobre o sexismo. A presença do haitiano e a haitiana em Caçador não é isenta deste debate. Portanto, Wallerstein (1988), não separa o racismo e o sexismo da realidade economia-mundo capitalista:

O capitalismo como sistema, gera racismo, mas será necessário que também gera o sexismo? Sim, porque na verdade ambos estão intimamente ligados. A etnicização da força de trabalho pretende tornar possíveis salários muito baixos para sectores inteiros da força de trabalho. Na verdade, salários tão baixos só são possíveis porque os assalariados pertencem a estruturas familiares para as quais o rendimento salarial vitalício constitui apenas uma parte relativamente pequena do rendimento familiar total. Tais estruturas familiares exigem um investimento considerável de trabalho em atividades ditas de “subsistência” e em pequenas atividades comerciais, em parte por homens adultos, mas em maior medida por mulheres, jovens e idosos (WALLERSTEIN, 1988, p.58).

Trouxemos esses raciocínios do autor para entender melhor a dinâmica da vivência do migrante e trabalhador que obviamente está dentro de um sistema e depende totalmente dele. Podemos em alguns momentos dissociar o trabalhador do migrante, porém, podemos perguntar se é possível ser migrante e não trabalhador no contexto do capitalismo? Então, com este questionamento retomamos a ideia de Abdelmalek Sayad (1988), de que o imigrante é na sua essência uma força de trabalho, uma força de trabalho provisória. De acordo com o autor, falar de

trabalhador imigrante é um pleonasmo (SAYAD, 1998). Assim sendo, ser migrante é sinônimo de trabalhador no modo de produção capitalista.

4.3. INSERÇÃO DOS HAITIANOS AO MERCADO DE TRABALHO

Referendamos à forma de definir o migrante por Sayad, entendemos que é óbvio, o migrante de certa forma se inserir automaticamente ao mercado de trabalho. Apesar das diferenças étnico-raciais ou de gênero, há uma certa relação estreita entre o migrante e o mercado de trabalho. As pautas de Wallerstein (1988) em relação ao capitalismo, o racismo e o sexismo nós clareamos um pouco sobre este tema. De fato, podemos afirmar que há inserção dos haitianos ao mercado de trabalho em Caçador, porém, podemos nos perguntar sobre quais seriam as condições?

Segundo Áurea Cristina Santos Dias, muitos dos trabalhadores imigrantes especificamente no sul do Brasil são classificados como não qualificados. São marcadas pelas questões étnico-raciais e sua inserção é subalternizada quanto ao tipo de trabalho quanto às condições de trabalho a remuneração:

A presença de trabalhadores imigrantes especialmente do sul global no Brasil, muitos classificados como não qualificados, condição atravessa pelas marcações raciais e étnicas, representa uma das expressões atualizadas de uma lógica colonial que produz uma inserção subalternizada quanto ao tipo de trabalho, as condições de trabalho, a remuneração e sobre sua própria condição existencial (DIAS, 2020, p.10).

Desta mesma ordem, Sidney Antônio Da Silva, explica como o migrante trabalhador não é visto como um sujeito de direito, porém apenas como uma força de trabalho que pode ser rejeitado em qualquer momento, considerando seu estatuto de imigrante com visto humanitário permanente que deve ser renovado ou não. Daí, o autor continua para mostrar como isso leva a uma situação de dicotomia entre nacionais e estrangeiros, conhecida na literatura migratória como “nacionalismo metodológico” (SILVA, 2015).

O professor e antropólogo, Sidney Antônio da Silva no seu artigo intitulado: *Inserção social e produtiva dos haitianos em Manaus* diz que a presença dos haitianos recoloca a questão de como a sociedade brasileira lida com as relações raciais e os preconceitos de cor, uma herança nefasta de um período histórico ainda não totalmente superado (SILVA, 2015). Neste contexto, podemos entender que a relação desenvolvida entre as empresas capitalistas do Brasil e os haitianos é uma relação que se constrói de uma certa forma com uma base étnico-racial. Portanto, isso não pode ser reduzido só com o mercado de trabalho do Brasil, porque o capitalismo em si mesmo (de forma geral) cria a etnicização da força de trabalho. Como enfatiza Immanuel Wallerstein (1988), do ponto

de vista operativo o racismo adotou a etnicização da força do trabalho. Isso, quer dizer, existe uma hierarquização de profissionais e remunerações proporcionadas a certos critérios supostamente sociais. Continuando para mesmo que está etnicização é permanente seus detalhes podem ser mudados em relação ao espaço-temporal.

Do ponto de vista operacional, o racismo assumiu a forma daquilo que podemos chamar de “eticização” da força de trabalho. Ou seja, sempre existiu uma hierarquia de profissões e remunerações proporcionais a determinados critérios supostamente sociais. Mas embora o modelo de etnicização tenha sido constante, os seus detalhes variaram com o lugar e o tempo, dependendo da localização dos povos e raças que estavam num espaço e tempo específicos e das necessidades hierárquicas da economia nesse espaço e tempo (WALLERSTEIN, 1988, p. 56).

Então, analisar a situação do haitiano no mercado de trabalho, é uma tarefa complexa. Por isso necessitamos olhar a partir de uma perspectiva interseccional. Isto, de uma vez devemos pensar o haitiano como migrante, como negro e como trabalhador. No caso das mulheres isso implica ainda na questão de gênero. Pois, como já foi relatado nas linhas anteriores, sistema capitalista com lógica economia-mundo não é só uma pauta vinculada com os problemas étnico-raciais, mas também a questão de gênero é presente. De acordo com Silvia Federici (2017), na sua construção o sistema capitalista usou o corpo das mulheres para a reprodução da força do trabalho. No seu livro *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*, ela destacou que a caça às bruxas nos séculos XVI e XVII foi promovida por uma classe política que estava preocupada com a diminuição da população, e motivada pela convicção de que uma população numerosa constitui a riqueza de uma nação (FEDERICI, 2017). Notamos que este momento era crucial para constituição do capitalismo na Europa, foi o apogeu do mercantilismo.

Sendo que a mulher sempre está no centro dos debates no sistema capitalista. Em todas sociedades racializadas, como é o caso do Brasil, a pauta não é só uma questão de gênero, mas também a noção de raça é muito importante. Pois, ser mulher e preta define seu lugar no sistema. De acordo com Beatriz Nascimento (2021), a mulher negra pode ser considerada uma mulher essencialmente produtora, com um papel semelhante ao do seu homem, isto é, dotada de um papel ativo. Inicialmente, como escrava, ela é uma trabalhadora, não só nos afazeres da casa-grande como também no campo, nas atividades subsidiárias do corte e do engenho. Por outro lado, além da sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher e, portanto, de mãe em potencial de novos escravos, ela tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interno (NASCIMENTO, 2021). Portanto, uma realidade que de uma certa forma é aplicável para a mulher haitiana no Brasil, que neste caso está numa situação de mulher, negra e estrangeira ao

mesmo tempo. O que leva a necessidade de entender sua realidade complicada a partir das dimensões sócio-históricas do território brasileiro. Como já vimos no capítulo anterior, as dificuldades das haitianas para encontrar um emprego e depois de conseguir a sua condição não difere de qualquer outra mulher preta brasileira, a única diferença talvez seja só na nacionalidade como elemento importante para a compreensão da situação interseccional.

De fato, a noção do corpo é muito fundamental para entendermos a questão do capitalismo, visto que este sistema está sempre em busca de corpo, (seja feminino ou masculino) para as atividades produtivas. Neste sentido, olhamos a noção do corpo como a única coisa que possui o trabalhador. Para nosso entendimento isso é aquilo que nos conecta com a realidade externa, assim ele é como sinônimo da força do trabalho. Como sabemos, a relação de produção no sistema capitalista é uma das contradições que existem, é a contradição entre aquele que possui os meios de produção e aquele que possui sua força de trabalho para vender ao primeiro. Com esta contradição Karl Marx explica que um dos grupos compra constantemente para realizar lucro e enriquecer-se, enquanto o outro grupo vende constantemente para ganhar o pão de cada dia (MARX, 1996). O autor continua explanando que seria uma série de processos históricos que resultaram a decomposição da unidade originária existente entre o homem trabalhador e seus instrumentos de trabalho o que leva também a uma “acumulação prévia ou originária” (conceito utilizado pelos economistas) o que ele chama de preferência “expropriação originária” (*Ibid.*).

Então o homem (o trabalhador assalariado) no sistema capitalista não mais do que uma força de trabalho cujo seu valor é igual todas as coisas que podem ser vendidas. De acordo com Karl Marx (1982) o trabalhador é uma mercadoria igual a qualquer outra, porque ele tem seu preço que é o salário pago pelo capital. E este salário é para sua reprodução como indivíduo, mas também como força de trabalho.

A força de trabalho é, pois, uma mercadoria que o seu proprietário, o operário assalariado, vende ao capital. Porque a vende ele? Para viver. Mas a força de trabalho em ação, o trabalho, é a própria atividade vital do operário, a própria manifestação da sua vida. E é essa atividade vital que ele vende a um terceiro para se assegurar dos meios de vida necessários. A sua atividade vital é para ele, portanto, apenas um meio para poder existir. Trabalha para viver. Ele nem sequer considera o trabalho como parte da sua vida, é antes um sacrifício da sua vida. É uma mercadoria que adjudicou a um terceiro. Por isso, o produto da sua atividade tão pouco é o objetivo da sua atividade. O que o operário produz para si próprio não é a seda que tece, não é o ouro que extrai das minas, não é o palácio que constrói. O que ele produz para si próprio é o salário; e a seda, o ouro, o palácio, reduzem-se para ele a uma determinada quantidade de meios de vida, talvez a uma camisola de algodão, a uns cobres, a um quarto numa cave. E o operário, que, durante doze horas, tece, fia, perfura, torneia, constrói, cava, talha a pedra e a transporta, etc., - valerão para ele essas doze (MARX, 1982, p. 10)

Podemos dizer que ao fato de trabalhar para um salário-mínimo, o homem assegura seu sustento. Assim como qualquer outro trabalhador o haitiano se obriga a ser explorado pelo capital. Pois é a lógica do capitalismo para todos trabalhadores. Portanto, o haitiano, assim como todos os outros trabalhadores, tem que vender sua força de trabalho em uma relação de exploração, mas que no caso dele a condição de migrante econômico e negro estabelece uma condição de dupla, ou tripla exploração e vulnerabilidade. De fato, sua vulnerabilidade como corpo em circulação faz que obrigatoriamente ele deva se enquadrar na realidade do capital. Pois, esta obrigação implica de qualquer jeito um tipo de exploração. Daí, não podemos negar que o sistema capitalista tem como base a exploração do trabalhador assalariado, ou seja, o proletariado.

Como acrescentou Marx, o fato de comprar a força do trabalho do operário e pagá-la pelo seu valor, o capitalista adquire o direito de consumir a mercadoria comprada. Sendo que, a força do trabalho do homem é usada de igual modo uma máquina. O capitalista compra essa força por um tempo, durante este tempo aquela força tem que ser explorada o máximo possível

Ao comprar a força de trabalho do operário e ao pagá-la pelo seu valor, o capitalista adquire, como qualquer outro comprador, o direito de consumir ou usar a mercadoria comprada. A força de trabalho de um homem é consumida, ou usada, fazendo-o trabalhar, assim como se consome ou se usa uma máquina fazendo-a funcionar. Portanto, o capitalista, ao comprar o valor diário, ou semanal, da força de trabalho do operário, adquire o direito de servir-se dela ou de fazê-la funcionar durante todo o dia ou toda a semana. A jornada de trabalho, ou a semana de trabalho, têm naturalmente certos limites (...) (MARX,1996, p.101).

De forma geral, o interesse do capital é sempre a mais-valia ou lucro (MARX, 1996). E para que seja possível este lucro ele precisa não só a mão de obra dos trabalhadores, mas também precisa sobre o trabalho daqueles operários. Neste sentido, o tempo de trabalho é fundamental para a compreensão da criação desta mais-valia. De acordo com Wallerstein, a teoria economia-mundo capitalista é um sistema baseado na acumulação contínua de capital e que um dos mecanismos deste sistema é converter qualquer coisa em mercadoria e esta mercadoria circula no “mercado mundial” em forma de produtos, capital e força de trabalho (WALLERSTEIN, 1988). O autor, destaca que este sistema economia-mundo é uma ideologia que ele designa como universalismo. Pois, não tem barreiras, ou seja, não tem fronteiras.

Podemos entender que o assalariado de qualquer origem que seja, como força de trabalho se situa dentro daquela ideologia. Assim, o migrante haitiano é desta maneira uma força de trabalho que circula através das fronteiras, para a sua reprodução vital. Portanto, se encaixa dentro da

ideologia economia-mundo, seja conscientemente ou não. De fato, ele é um sujeito na mão do sistema, que vende a única coisa que possui, que é sua força física em troca de dinheiro. É bom anotar que o trabalho fornecido por este em troca desse dinheiro é um trabalho exterior a ele mesmo. Isso quer dizer que ele não tem controle de nada, o trabalho que faz ele não decide o que fazer, o seu cargo horário de trabalho e a quantidade de tempo, não é ele que decide, seu preço como trabalhador não é ele que decide tampouco. Nesta perspectiva aquele trabalhador só faz o que o sistema economia-mundo decide para ele. De fato, ele é uma pessoa alienada.

Esta alienação que nos referimos aqui não tem nada a ver com a questão de religiosidade que está no raciocínio feuerbachiano segundo a qual o homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo (FEUERBACH, *apud* CARDOSO, 2017). Não obstante, estamos falando de uma situação de alienação vinculada ao trabalho capitalista. De acordo com Shell, referindo-se a Karl Marx, no modo de produção capitalista o trabalhador é alienado em diversas ocasiões. No processo de produção, na economia capitalista, o trabalhador não controla a atividade produtiva, apenas vende sua força de trabalho ao proprietário. A alienação da sua própria natureza humana, é a principal consequência da propriedade privada e do capitalismo, pois na forma capitalista, as relações passam a ser mediadas e controladas pelo capital, seja pela relação empregador e empregado, seja pela mercantilização das demais relações sociais (SHELL, 2015).

Segundo as linhas precedentes, o trabalhador haitiano como qualquer outro é uma pessoa totalmente privada, ou seja, está na estranheza do mundo dominado por um poder social sobre o qual os indivíduos perderam qualquer controle, depois de o terem criado, em um evidente movimento de autonomização e inversão do próprio produto produzido como atesta Jorge Grespan (2021). Assim, o autor explica a alienação de trabalho desenvolvido por Karl Marx de uma forma bem óbvia:

Para Marx, embora a alienação diga respeito não aos problemas religiosos, e sim à situação social do mundo capitalista, ela conserva a forma da autonomização e da inversão. Privado da propriedade dos meios de produção, o indivíduo não se reconhece mais plenamente no produto de seu trabalho e tem acesso a ele apenas mais tarde, ao comprá-lo no mercado. Ou seja, em vez de se apropriar de imediato do produto resultante do ato de trabalho, o trabalhador precisa comprar no mercado aquilo que, muitas vezes, ele mesmo produziu para seu empregador. A apropriação só acontece por meio da mediação do mercado, que aparece como a instância central da economia, tal como pensa a maioria dos economistas ainda hoje. O produtor não se reconhece no produto, não se reconhece como produtor, e afirma-se socialmente como comprador e consumidor. Assim como o devoto descrito por Feuerbach se esqueceu de que foi a imaginação humana que criou Deus, o trabalhador não tem consciência de que o produto existe graças às suas mãos. (GRESPLAN, 2021, p. 21-22).

Embora, podemos perguntar qual o verdadeiro sentido do conceito de alienação de trabalho em relação à diáspora haitiana em Caçador é claro que este conceito se aplica muito bem com o mercado de trabalho, porém, não podemos excluir os trabalhadores independente das fábricas por uma razão bem simples. O sistema não dá muitas escolhas para quem não possui os meios de produção. Por exemplo, uma dona ou um dono de uma loja (como categoria de pequena burguesia) que vende qualquer coisa que seja, é a pessoa que define o preço da venda, mas este preço se define a partir do que? De sua boa vontade ou em função do mercado de compra e venda? Pois, a lógica nisso é que a pessoa está numa economia de circulação de mercadorias onde ela não tem um controle real senão que ela participa no processo da circulação daquela mercadoria. A única pessoa que tem controle é o capitalista, aquela pessoa que possui os meios de produção, que compra mão-de-obra e matéria-prima para a fabricação deste produto em circulação, que pode ser uma xícara, como exemplo. Assim, o dono ou a dona da loja é simplesmente um agente da economia-mundo capitalista. Isso quer dizer, este agente está numa economia de mercado, uma economia que se autorregula. Karl Polanyi (2000) explica isso como “uma economia dirigida pelos preços do mercado e nada além dos preços do mercado” (POLANYI, 2000).

Sem categorizar o mercado gostaríamos de tirar uma atenção especial sobre o mercado de redistribuição de bens e serviços. Em realidade, muitas vezes nós podemos pensar sobre a independência ou mesmo a autonomia de certos agentes dentro da economia do mercado, porém a menudo erramos, porque olhamos a realidade de maneira simples. Nesta ordem das ideias entendemos que a autonomia não se liga com a realidade do mercado de redistribuição. Como enfatiza o historiador da economia; antropólogo econômico; economista político húngaro, Karl Polanyi (2000), a permuta, a barganha e a troca constituem um princípio de comportamento que depende do padrão de mercado para sua efetivação (POLANYI, 2000).

Desta lógica entendemos que o mercado se padroniza a partir de seus próprios princípios. Neste sentido, não é que um particular decide o que deve ser feito, mas ele vai na lógica do mercado. No caso de uma pessoa que vende um serviço de “corrida”, (como Uber por exemplo), é o mercado (o aplicativo) que define os preços. Pensando naquela pessoa que cria seu próprio aplicativo, será que é possível para ela definir um preço fora do padrão que já existia? Esta pergunta, é um convite para refletir um pouco sobre o mercado, como ele não permite um verdadeiro espaço de autonomia para qualquer particular.

Trouxemos essa discussão aqui, para pensar um pouco na realidade do migrante que em alguns momentos tenta criar seu negócio próprio, talvez, está desfrutando certos privilégios

diferentemente daquele que trabalha numa fábrica qualquer. Portanto, analisando a realidade do mercado entendemos que as duas pessoas estão vivendo a mesma realidade de alienação. Aquela pessoa que está na fábrica porque não tem controle sobre o produto que produz, embora a outra não tenha um controle real sobre o mercado. Pois, de acordo com Karl Marx, a própria ação do homem torna-se um poder que lhe é estranho e que a ele é contraposto, um poder que subjuga o homem em vez de por este ser dominado (MARX, *apud* GRESPAN, 2021).

De fato, no capitalismo atual o poder econômico e o controle social não se separam, o capital controla o social a partir de todos os seus dispositivos. Por isso, não é difícil para um simples particular no mercado capitalista pode estar livre de qualquer dominação, seja consciente ou não, ter um certo nível de autonomia não significa, portanto, que está livre do controle do mercado. Nós parecemos unicamente, um sujeito dentro de uma realidade econômica. Nós não definimos nada senão que vivemos esta realidade do nosso jeito, com nossa capacidade de pensar e de agir. Por fim, podemos dizer que somos seres socialmente definidos pelo capital, assim sendo, somos seres de classe, de raça e de nação. Pois, o Migrante neste contexto é aquele corpo-fronteira como relata Mbembe (2021), que vende a única mercadoria que possui que é sua força de trabalho, é que se insere numa guerra social global (MBEMBE, 2021). Então, a questão da mobilidade humana é toda uma relação de capital-trabalho-força de trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“*Dans l'enfer de la jungle du Darien le calvaire des migrants qui rêvent D 'Amérique*” (No inferno da selva de Darien a angústia dos migrantes que sonham com a América) título dado a uma reportagem da “France 24”, sobre a situação dos migrantes que saíram de diversos horizontes da América do sul e do Caribe, atravessaram a floresta de Darién, passaram pela América central até cruzar as fronteiras de México para os Estados Unidos da América. Podemos nos perguntar: por que este entusiasmo da parte dos migrantes para entrar nos EUA? Ou seja, por que está travessia migratória “ilegal” do Sul para o Norte? A resposta talvez seja simples, as pessoas estão correndo atrás de seu “paraíso”, o “*el dorado*” ou demais o “dólar” - (símbolo do poder econômico mundial). Como o provérbio haitiano “*chimen lajan nanpwen pikan*” - “o caminho do dinheiro não tem espinhos”. Então, a migração neste contexto é algo onde o medo dos perigos não faz sentido para os migrantes que estão atrás de seus objetivos.

Então, entendemos que os objetivos dos migrantes neste contexto não é nada mais do que ganhar mais dinheiro possível, para responder às necessidades de suas famílias. Se eles deixaram o sul para o norte não é qualquer coisa, é algo “normal” que o capitalismo que cria o centro e a periferia define. Importante destacar o fato que a divisão internacional do trabalho define espaços repulsivos e espaços atrativos. Se o europeu em alguns momentos abandonou a Europa para morar na América, o contexto histórico é um fator importante para saber que em algum momento a Europa era repulsiva para seus filhos e filhas. Igualmente, hoje em dia alguns lugares na América do sul, África, Ásia e Oriente Médio se tornam repulsivos como periferias e do outro lado a América do Norte e a Europa viram atrativos por serem o centro da capital.

Contudo, a categoria chamada migrante se refere sempre com a realidade econômica mundial. É uma categoria socialmente definida a partir de sua origem. Hoje em dia, ser migrante não se define só com um deslocamento de uma pessoa ou um grupo de pessoas para morar fora de sua terra de origem, mas, se define economicamente, geograficamente, racialmente e etnicamente. Então, o migrante no caso não se refere aos *yankees* ou o francês ou demais o alemão que se desloca de sua terra natal para morar na África ou no Haiti como exemplo. Porém, é o inverso. Isto é, o africano ou haitiano ou o venezuelano é migrante porque sai de uma periferia para morar num país “desenvolvido” procurando emprego para ajudar sua família entre outras. Também, o migrante é racialmente e etnicamente definido, o migrante é o preto o latino-americano e o caribenho. Além disso, o migrante é aquele da classe pobre que não possui nenhum “capital social e cultural”, mas possui sua força de trabalho.

É óbvio que o migrante é uma categoria social definida de acordo com o sistema economia-mundo. Pois, o fator fundamental na migração do ser humano na contemporaneidade é a busca de uma vida melhor e esta vida melhor existe onde o capital é mais desenvolvido talvez é uma ilusão de que existe uma vida melhor. É ainda um debate, porque cada um pode definir seu bem estar, portanto de maneira global podemos entender que o sistema capitalista classifica abafa os mais pobres para o interesse dos mais fortes economicamente.

Gostaríamos terminar este presente trabalho a partir da ideia de que existe uma humanidade errante por causa de um sistema que abafa alguns lugares nos benefícios de outros. Pois, a exploração das periferias pelo centro faz que a mobilidade da periferia para o centro vira uma evidência para a sobrevivência própria. Portanto, a migração haitiana é uma migração sul-sul, onde o Brasil vira um elemento importante na divisão internacional de trabalho.

Como sublinhamos ao longo do trabalho, a migração haitiana no Brasil é uma migração vinculada com o mercado de trabalho. Daí, em relação às dinâmicas socioculturais, vimos que os haitianos criam seus próprios espaços de integração seja do ponto de vista religioso ou não. Ademais, a língua materna se impõe dentro da comunidade diferente da língua do país de acolhimento que representa só uma língua de comunicação em alguns momentos específicos, ou seja, é uma língua que serve por necessidade de comunicar e integrar na sociedade acolhida.

Pois, ao longo do trabalho conseguimos desenvolver a migração haitiana nos séculos XX e XXI, em seus diferentes momentos e as razões internas que levam os haitianos para a migração transnacional igualmente olhamos as dinâmicas da economia internacional. Assim, focamos no Brasil como espaço de acolhimento massivo dos haitianos nos últimos anos após o terremoto de 2010. Conseguimos, esta última vaga migratória como um novo polo para a migração haitiana, que submete a situação da economia capitalista mundial. Focamos, no intervalo dos anos 2015 até 2024, período de nove anos. Onde, conseguimos enfatizar sobre os primeiros momentos da chegada dos haitianos na cidade Caçador-SC e a vivência do dia, em relação ao trabalho além da vida social.

REFERÊNCIAS

- BAENINGER, Rosana e PERES, Roberta. Migração de crise: A migração haitiana para o Brasil, R.bras.Est.Pop, Belo Horizonte, v.34 p.119-143 Janv/Abr 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/MzJ5nmHG5RfN87c387kkH7g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 de março de 2024.
- BAENINGER, Rosana, DEMÉTRIO, Natália Belmonte e DOMENICONI Joice de Oliveira Santos. IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: QUESTÃO HUMANITÁRIA E REUNIÃO FAMILIAR, REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Received January 10, 2023 Accepted March 3, 2023.
- BALIBAR, Etienne e WALLERSTEIN, Immanuel. Raza, Nación y Clase, París, Editions La Découverte, 1988, 358 p.
- CARDOSO, Matêus Ramos. uma visão hermenêutica da religião em Feuerbach, REVISTA SEARA FILOSÓFICA, Número 15, Verão/2017, pp. 17-30 ISSN 2177- 8698.
- CASIMIR, Jean. Haïti et ses élites: L'interminable dialogue de sourds, Worlds & Knowledges Otherwise | Fall 2008
- CASIMIR, Jean. Une lecture décoloniale de l'histoire des haitiens: Du traité de Ryswick à l'occupation américaine (1697-1915), Port-au-prince, L'Imprimeur S.A, 2018, 499 p.
- CAVALCANTI, Leonardo, DE OLIVEIRA Antônio Tadeu e TONHATI, Tânia. Migração no sul global: haitianos no mercado de trabalho brasileiro, Terceiro Milênio: Revista critica de sociologia e política volume 8. Número 1 de janeiro a junho de 2017, p.103-129.
- CHOQUET, Sabine. L'interculturalisme québécois : un modèle alternatif d'intégration, Cairn info, 2016 p. 23-37. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-politiques-sociales-2016-2-page-23.htm>.
- COGO, Denise. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira, Rev Famecos (Online). Porto Alegre, v. 23, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/21885/13676>. Acesso em 19 de março de 2024
- DANIEL, Camila. “Morena”: A epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo, Revista Humanidades e Inovação v.6, n.16 - 2019, p. 24-34.
- DIAS, Áurea Cristina Santos. Imigração e trabalho no Brasil: atualidade das contribuições de Sayad, Vitória (ES, Brasil), Anais do 8º Encontro Internacional de Política Social e 15º Encontro Nacional de Política Social ISSN 2175-098, 16 a 19 de novembro de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/33205>. Acesso em: 17 de março de 2024
- DIAS, Luciana de Oliveira. Quase da família: Corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo, Revista Humanidades e Inovação v.6, n.16 - 2019 p. 9-12.
- EZÉCHIEL, Arthur Noel Match. Les stratégie individuelles d'intégration des immigrants guinéens,

maliens et sénégalais au Québec, Université du Québec à Montréal, 2006, 137 p. disponível em: <https://archipel.uqam.ca/1655/1/M9188.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2024

FALCONERIS, Ana Carolina. Legislação brasileira: controle e embranquecimento do mercado de trabalho livre, MIGRAÇÕES EM DEBATE - 15/12/2022. Disponível em: <https://www.museudaimigracao.org.br/public/blog/migracoes-em-debate/legislacao-brasileira-controle-e-embranquecimento-do-mercado-de-trabalho-livre> Acesso: 8 de outubro 2024

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação, São Paulo: Elefante, 2017, 464 p.

GEERTZ, Clifford. nova luz sobre a Antropologia, Rio de Janeiro, ed. Ltda, 2001, 247 p.

GIL, Pedro Henrique Conte e PIZZINATO, Adolfo. ANÁLISE PSICOSSOCIAL DO PROCESSO MIGRATÓRIO DE HAITIANOS(AS) AO BRASIL: UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL DE RAÇA-ETNIA, GÊNERO E IDADE, REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 31, n. 68, ago. 2023, p. 165-183

GRESPLAN, Jorge. Marx: uma introdução, 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021, 78 p.

JOSEPH, Handerson. diáspora. as dinâmicas da mobilidade haitiana no brasil, no Suriname e na Guiana francesa, Rio de Janeiro UFRJ/Museu Nacional, 2015, 429 p. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=JOSEPH%2C+Handerson%2C+di%C3%A1spora.+as+din%C3%Amicas+da+mobilidade+haitiana+no+brasil%2C+no+Suriname+e+na+Guiana+francesa&btn=. Acesso em 10 de agosto de 2024

JOSEPH, Handerson. Mobilité transfrontalière haïtienne au Brésil : kongo, vyewo et dyaspora In: LES MIGRATIONS ET LA CARAÏBE : (DÉS)ANCRAGES, MOUVEMENTS ET CONTRAINTES, Paris, L'Harmattan, 2019, p. 207-231.

LÊNIN, Vladimir I. O imperialismo, etapa superior do capitalismo, Campinas, Produção Editorial, 2011, 271 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**, São Paulo SP, ed. COSAC NAIFY, 2008, 448 p.

LUCIEN, Georges Eddy. Le Nord-Est d'Haiti, La perle d'un monde fini: entre illusions et réalités (Open For Business), Paris, Ed. L'Harmattan, 2018, 346 p.

MAGALHÃES, Luís Felipe. A migração haitiana em Santa Catarina perfil socio demográfico de fluxo, contradições da inserção laboral dependência de remessas no Haiti, Campinas SP, 2017, 355 p. Tese Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/981920>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

MALINOWSKI, Bronislaw. argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova guiné melanésia, São Paulo, 2 ed. abril cultural.1978, 424 p.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política, São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda., Círculo do Livro Ltda., 1996.

MARX, Karl. Trabalho Assalariado e Capital, Edição em Português da Editorial Avante, 1982, t1, p. 142-177 Disponível em: [Trabalho Assalariado e Capital\[N70\] \(ufg.br\)](#) Acesso em: 16 de setembro de 2024

MAUSS, Marcel. sociologia e antropologia, São Paulo, ed. COSAC NAIFY, 2003, 536 p.

MBEMBE, Achille. Brutalismo, N-1 Edições, 2021, 256 p.

MILLS, Charles Wade (1997), El contrato racial, Ithaca y Londres, Cornell University Press- tradução espanhol de Nicolás Olesker, 1997, 108 p.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos, Rio de Janeiro, Editora Schwarcz, 2021, 283 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso De. O trabalho do antropólogo, São Paulo, Editora Unesp, 2006, 221 p.

RAMOS, Natália. Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural- políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural, Lisboa, revista educação em questão, natal, v.34, n.20, p.9-32, jan/abr.2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3941>. Acesso em 15 setembro de 2024.

ROBERTO, Herrera Carassou. La perspectiva teórica en el estudio de las migraciones, México, Siglo XXI Editores, 2006. 232 p.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica, plural, Revista do Programa Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, V. 24.1, 2017, p. 214-241. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770014013/html/>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração e os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/361921/mod_resource/content/1/Sayad.%20A%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20ou%20osparadoxo%20da%20alteridade.pdf. Acesso em: 29 de agosto de 2024.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica. Marx, Durkheim e Weber*. Petrópolis, Vozes, 2015, p.37-66. ROMERO

SILVA, Maria Odete Emygdio Da. Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas, Revista Lusófona de Educação, 13, 2009. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Maria+Odete+Emygdio+da+Silva%2C+Da+Exclus%C3%A3o+%C3%A0+Inclus%C3%A3o%3A+Concep%C3%A%C3%B5es+e+Pr%C3%A1ticas&btnG=. Acesso em: 15 de março de 2024.

SILVA, Sidney Antônio Da. Inserção Social e produtiva dos haitianos em Manaus, in: Migração e Trabalho, Brasília, 2015, p.163-173.

TROUILLOT, MICHEL-ROLPH. Silenciando el pasado el poder y la producción de la historia, Albolote (Granada), Editorial Comares, 2017, 151 p.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Ti Dife Boule Sou Istoua Ayiti, koleksyon lakansyèl, BKLYN, N.Y. 1979, 227 p.

WALLERSTEIN, Immanuel, O sistema mundo- A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI, Porto, Ed. Edições Afrontamento Lda, 1974

<https://www.cairn.info/revue-alternatives-non-violentes-2018-1page12.htm&wt.src=pdf>

<https://mjp.univ-perp.fr/constit/ht1805.htm>

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/cacador.html>

(<https://cacador.sc.gov.br/pagina-25030/>)

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03///_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm#:~:text=Institui%20a%20Lei%20de%20Migra%C3%A7%C3%A3o.&text=Art..pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20para%20o%20emigrante.

<https://france.attac.org/nos-publications/les-possibles/numero-19-hiver-2019/dossier-des-migrations-et-discriminations-aux-gilets-jaunes/article/sur-la-situation-des-migrants-dans-le-capitalisme-absolu>

<https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/legislacao-brasileira-controle-e-embrameamento-do-mercado-de-trabalho-livre>

[https://www.brasildefato.com.br/2018/07/11/crise-no-haiti-expoe-fracasso-da-ajuda-humanitaria-do-s-eua-ao-pais-caribenho#:~:text=A%20d%C3%ADvida%20externa%20do%20Haiti,Interamericano%20de%20Desenvolvimento%20\(BID\).](https://www.brasildefato.com.br/2018/07/11/crise-no-haiti-expoe-fracasso-da-ajuda-humanitaria-do-s-eua-ao-pais-caribenho#:~:text=A%20d%C3%ADvida%20externa%20do%20Haiti,Interamericano%20de%20Desenvolvimento%20(BID).)